

ZERO

Florianópolis, Março-Abril de 1989



Foto: Daniel Conzi

**Metais pesados
poluem a
Baía
Norte**

Na PÁG. 4



Foto: Ricardo Barreto/Zero

**Rod Stewart
e Jorge
Mautner no Z**

O caderno quente

JORNALISMO

CURSO

Em seus dez anos promove debate, mostra interna e um super-evento

PÁGS. 7, 10 e 16

ESPECIAL

O depoimento cáustico de Cláudio Abramo. Uma leitura imperdível

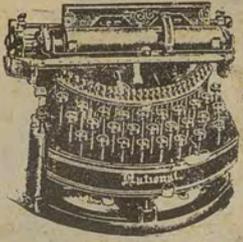
Na Central

GREVE

Outro jornal catarinense paralisa em menos de 1 ano. O relato

Na PÁG. 3





Sucessão: esquerda sai da frente

Mas tem muito candidato e pouca proposta

As eleições presidenciais se aproximam, o prazo para a desincompatibilização dos candidatos que exercem cargos no governo também. No entanto, o mês de março veio e passou deixando mais dúvidas do que definições a respeito da evolução do quadro sucessório. Apesar dos importantes fatos políticos que ocorreram este mês, como por exemplo a convenção nacional do PMDB, não se ouviu nada parecido com uma resposta à pergunta fundamental para se esclarecer a sucessão: quem será o candidato forte que enfrentará a esquerda de Lula e Brizola na corrida à presidência da República?

Várias opções já foram descartadas. O fenômeno Sil-

vio Santos, o único candidatoável a ameaçar diretamente os líderes do PT e PDT, (segundo pesquisas do instituto Gallup para a revista "Isto-É-Senhor"), declarou estar em crise existencial, não sabendo se queria ou não ser presidente, virando então carta fora do baralho. Um pouco mais tarde foi a vez do empresário Antônio Ermírio de Moraes, do grupo Votorantim, que após um atribulado namoro com o PFL de Marco Maciel e negociações com o PTB, acabou por desistir de sua candidatura através de uma carta endereçada aos principais jornais do país. Esclareceu depois, em entrevista ao jornal "O Estado de São Paulo": "Não dá para fazer acordo com esses canalhas". Assim, os empresários políticos saem do páreo.

Outras candidaturas foram definidas, mas não conseguiram decolar e se mostram como alternativas viáveis, como Mário Covas do PSDB, e

Aureliano Chaves do PFL. Este último enfrenta uma forte oposição em suas próprias fileiras, comandada por Marco Maciel, que flerta abertamente com Brizola e não descarta a possibilidade de trocar de barco com seus seguidores. Há ainda o governador Collor de Mello que se lançou candidato pelo inexpressivo PRN, Partido da Reconstrução Nacional, certamente apostando no futuro.

Jânio passeia o mundo, mas de olho no Brasil. Sua candidatura é considerada como interessante por vários partidos e facções políticas. Embora as pesquisas não lhe deem muito crédito, não são poucos os políticos que apostam numa coalizão de direita em torno do seu nome, principalmente se o PMDB lançar Ulysses. Falando em direita, Ronaldo Caiado é candidato apoiado pela UDR, mas mesmo os políticos mais conservadores não vêem nele um presidente em potencial.

A tudo isso o PMDB assiste, sem lançar em caráter definitivo seu candidato oficial e correndo o risco de rachar o partido ao fazê-lo. Ulysses é candidato confesso e forte dentro do partido, porém as pesquisas insistem em atrapalhar os planos do eterno candidato peemedebista, questionando sua força eleitoral e propiciando o surgimento de outras hipóteses. Dos chamados "históricos" saíram nomes como Waldir Pires, Miguel Arraes e Álvaro Dias. Dos moderados, após a convenção de março, saiu o nome de Iris Rezende, que unificou esta facção do partido e promete dar trabalho a Ulysses. Mas o caso mais curioso é do governador de São Paulo Orestes Quércia. Ele parece ser o melhor candidato para o partido, viável eleitoralmente, sendo popular no seu Estado (onde, virtualmente, se encontra 20% do eleitorado nacional), e considerando que sua indicação não traria grandes

traumas ao partido (a não ser um possível infarto em Ulysses). Seu único defeito é não ser candidato. Assim o PMDB fica numa situação difícil, sendo muito provável que após a indicação do seu candidato, sobre partidos descontentes que podem vir a engrossar outras fileiras.

Enquanto isso Lula visita o Papa, faz campanha e cresce nas pesquisas, encostando em Brizola, que procura espaço mais à direita para sua candidatura, dialogando com empresários e facções de outros partidos, como a ala do PFL que não apóia Aureliano. Os dois dividem a "pole-position". Agora o compasso é de espera. Somente após a definição do candidato do PMDB é que esta campanha vai esquentar prá valer ou pelo menos, espera-se que esquente.

Pedro Saraiva

Melhor Peça Gráfica III Set Universitário Maio 88

ZERO

JORNAL INDEPENDENTE

Jornal Laboratório do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Santa Catarina. Esta edição foi elaborada no dia 07 de abril de 1989.

Arte: Marta Moritz
Coordenação e copidesagem: professores Hélio Schuck, Henrique Finco, Ricardo Barreto.

Diagramação: Carla Lavina, Deise Freitas, Fabiano Melato, Ilka Goldschmidt, Mário Vaz, Nilva Bianco, Robert Willecke, Romir Rocha Sabrina Franzoni
Edição: Fabiano Melato, Fernanda Gallotti, Jacques Mick, Márcia Moraes, Roberta Meyer, Romir Rocha.

Edição executiva: professor Ricardo Barreto

Fotografia: Ana Lavratti, Ana Paula Schmitt, Daniel Conzi, Carol, Fabiano Melato, Fernando Moskorz, Ilka Goldschmidt, Ivaldo Brasil Jr., Jacques Mick, Marta Moritz, Oltvio Lamas, Pedro Melo, Renata Rosa Rute Enriconi, Ricardo Barreto, Romir Rocha.

Laboratório Fotográfico: Carol, Fernando Moskorz, Jacques Mick, Marina Pederneras, Pedro Melo, Romir Rocha.

Secretaria: Rita Costa, Sílvia Pavesi.

Textos: Alessandra Meinicke, Ana Lavratti, Ana Paula Schmitt, Ana Cláudia Menezes, Clarissa Santos, Cláudio Abramo, Daurio Veras, Denise Rockenback, Emerson Gasperin, Fabiano Melato, Gustavo Cabral, Gustavo D'Ávila, Ilka Goldschmidt, Ivaldo Brasil Jr., Jacques Mick, João Grando, Luis Bresses Pereira, Ozias Jr., Pedro Saraiva, Rafael Masseli, Raquel Eltermann, Renata Rosa, Romir Rocha, Rosimere Laurindo, Rute Enriconi, Sabrina Franzoni.

Telefone: (0482) 33-9215
- Telex: (0482) 240 BR.

Composição à impressão: Fundação da produtividade - Fones: 22-7756 e 22-6312.

Correspondência: Caixa Postal 472, Departamento de Comunicação e Expressão, Curso de Jornalismo, Florianópolis-SC.
Distribuição gratuita
Circulação dirigida.

Doutor tarde demais

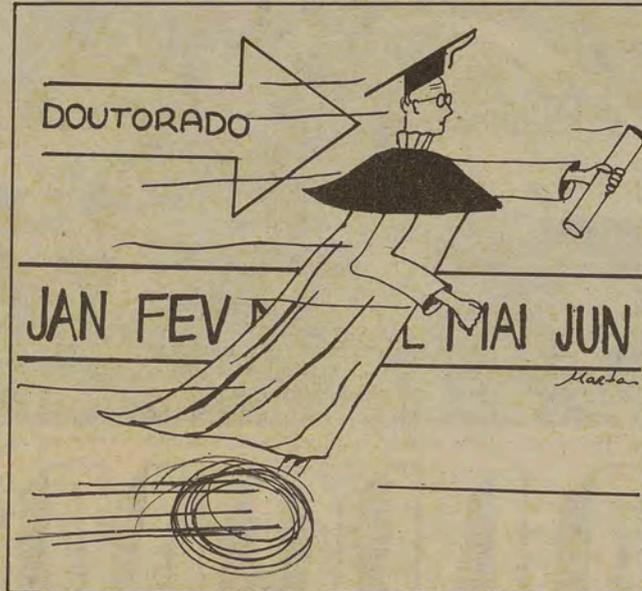
Mestrado atrasa especialização de professores

Este artigo, publicado originalmente na edição nº 1019, da revista Isto-É-Senhor, de 29 de março de 1989, traz ao debate a questão polêmica da forma como os mestrados foram adotados no Brasil e, de como se desenvolvem. Com sua republicação, buscamos suscitar o debate mas sobretudo, implantar novas práticas. O quanto antes.

A Universidade brasileira, ao adotar o modelo norte-americano do curso de mestrado, copiou-o de forma subdesenvolvida e incompetente, seja porque confundiu o mestrado com o doutorado, seja porque o considerou como etapa necessária do doutorado. Em consequência transformou o mestrado em uma empreitada longa e mal definida, e, portanto, em um empecilho para a formação de novos cientistas, a qual, por definição, se realiza através do doutorado.

A idade média dos alunos de mestrado da USP é 32 anos e meio. A continuar essa tendência, os candidatos a doutor terminarão seu curso de doutorado, ou seja, obterão a autonomia científica que o doutorado em princípio atesta, tarde demais. Só começaram a realizar pesquisa científica com plena liberdade depois dos 40 anos, quando o País necessita desse trabalho científico muito antes.

O Parecer 977/65 do



Arte: Marta Moritz/Zero

Conselho Federal de Educação, através do qual o professor Newton Sucupira, há mais de 20 anos, definiu de forma brilhante e flexível os cursos de pós-graduação no Brasil, não cometeu esses erros. Está claro nesse parecer que para um mestrado é necessária apenas uma dissertação, que revele conhecimento da bibliografia atualizada a respeito do assunto e capacidade de sistematização de idéias, e não uma tese, requisito do doutorado, para a qual deve haver uma contribuição teórica ou empírica original ao conhecimento. Não obstante, os alunos e os professores de mestrado neste país falam sempre em tese de mestrado, e a expectativa tanto de professores como de alunos é a da produção de um alentado tratado sobre o assunto. Por outro lado, o parecer é claríssimo: o mestrado não é um requisito, uma etapa necessária do doutorado, e no entanto é norma neste país exigir-se essa seqüência.

Esta é uma cópia subdesenvolvida e incompetente do

modelo norte-americano, porque nos Estados Unidos não é assim. O papel do mestrado naquele país varia de disciplina para disciplina. Para certos cursos, como Medicina e Direito, não existe; esses cursos já são de pós-graduação e exigem mais do que um mestrado. Para outros cursos profissionais, como Administração, o mestrado é um curso estritamente profissional e não exige dissertação. Para as Ciências Sociais, particularmente para a Economia, o mestrado só existe em universidades menores; as grandes universidades selecionam os alunos diretamente para o doutorado e dão o título de mestre como prêmio de consolação a quem não conseguiu escrever a tese. Finalmente para as Ciências Exatas, o mestrado é uma etapa do doutorado, exigindo-se em geral um pequeno trabalho empírico do candidato. Para as Ciências Sociais a prática da etapa não é adotada porque é mais difícil ou menos relevante realizar como dissertação "um pequeno trabalho empírico".

No Brasil não se permite que os cursos profissionais deem um mestrado profissional, nas Ciências Exatas se exige uma dissertação que é (ou seria) uma verdadeira tese, e nas Ciências Sociais, além de se cometer o mesmo erro das Ciências Exatas, não se percebe que seria mais lógico permitir que os bons candidatos fossem admitidos e se encaminhassem diretamente para o doutorado.

Talvez tenha sido a percepção desse erro que levou o pró-reitor de pós-graduação da Unicamp, Bernardo Beiguelman, a falar em extinção dos mestrados, que seriam "meros focos de lentidão acadêmica". Na verdade, ou se extingue o mestrado ou se muda inteiramente a concepção a respeito dele. A USP já está fazendo isto na área de Economia. Os candidatos ao curso de pós-graduação já estão sendo admitidos diretamente para o doutorado. Na Fundação Getúlio Vargas de São Paulo a tendência é reduzir drasticamente os requisitos de uma dissertação de mestrado e permitir que os melhores candidatos encaminhem-se diretamente para o doutorado. Mas a resistência de alunos e professores e essas inovações é grande. Os alunos querem fazer "a tese de sua vida" no mestrado; os professores, inseguros, querem demonstrar-se exigentes, querem valorizar os títulos acadêmicos. Na verdade, esta é uma resistência subdesenvolvida em nome de uma excelência acadêmica que está sendo prejudicada exatamente por se exigir do mestrado um nível acadêmico que ele não deve nem pode ter.

Luis Bresser Pereira

Professor, economista e ex-ministro da Fazenda



Alienar é "distorção acadêmica"

"Jornalismo é arte e não se faz sem o conhecimento da história". A defesa é do jornalista Marcos Veira Reis, para quem distanciar a notícia do contexto político-econômico-social é uma "distorção acadêmica". Reis sustentou o argumento em debate promovido pelo Curso de Jornalismo e a Secretaria Estadual de Comunicação Social.

Com 35 anos de profissão, depois de passar pela United Press International (empresa que produziu o Repórter Esso), Sistema Globo de rádio e atualmente na TV Bandeirantes de São Paulo, Reis fez uma retrospectiva do jornalismo de rádio e tv desde a década de 40.

Reis foi testemunha ocular da transformação que se processou em jornais e rádios a partir do funcionamento das primeiras emissoras de televisão do País. Para ele, a televisão praticamente obrigou uma modificação radical no jornalismo escrito e falado. Pesquisa, análise e programas comunitários, segundo ele, substituíram o jornalismo convencional para manter o índice de público e audiência.

Importados dos EUA surgiram também, de acordo com Reis, mecanismos psicossociais para explorar cada setor atingido pelos veículos de comunicação. Estes mecanismos, segundo ele, foram "recheados" de uma carga ideológica responsável pela mudança geral de comportamento.

Outra redação paralisa em SC

Incompetência

de O Estado

pára redação

Dia 10 de fevereiro deste ano a redação do jornal "O Estado" parou. O estopim foi um bilhete manuscrito fixado no mural dia 9, anunciando que o pagamento sairia apenas no dia 14, quatro dias após o prazo máximo fixado por lei, repetindo um procedimento que vinha acontecendo há alguns meses.

"A indignação tomou conta de todos e a redação, em assembleia no bar do jornal, votou apenas uma proposta: parar ou não parar". A declaração desta greve explica porque venceu por unanimidade a greve que no início contou com a revisão e parte do setor gráfico, ambos vinculados à Imprefar. A empresa, que pertence ao mesmo grupo do proprietário do jornal, providenciou os salários desses setores, prometendo negociações, numa ação que visava dividir os jornalistas.

Mesmo isolada, a redação decidiu pela continuidade do movimento por tempo indeterminado e, junto com o sindicato dos jornalistas, estabeleceu as reivindicações: pagamento dos salários com multa prevista pelo acordo coletivo, não desconto dos dias parados, estabilidade por 60 dias, além de colocar em pauta uma reposição salarial de 85%, a ser discutida no próximo dissídio da categoria.

Segunda-feira, dia 14, o jornal apresentou uma proposta de pagamento para depois das 16 horas. Os grevistas preferiram buscar os cheques apenas na terça impedindo que o movimento enfraquecesse. A greve atingiu novas dimensões quando os jornalistas deixaram de lutar pelo pagamento dos salários para exigir estabilidade no emprego. Foi um fato inédito, apoiado por entidades e personalidades que pediam à direção do jornal a abertura das negociações.

Mesmo sem conseguir negociar, os grevistas retornaram ao trabalho na quarta-feira, dia 22

de fevereiro, mantendo o comando de mobilização e criando um plano que evitava retaliações. A empresa por seu lado, apresentou uma lista de 12 nomes de grevistas que seriam demitidos.

Quando esta lista tornou-se pública, a estratégia dos grevistas estava pronta. As matérias ficariam retidas pelo comando de greve até que a empresa concordasse em iniciar as negociações. Com todo o material sob seu controle, o próximo passo foi pedir o apoio de deputados, vereadores e outras pessoas que já estavam em contato com o movimento. Foram cerca de 40 pessoas que participaram de uma concentração em frente ao jornal, até que o diretor aceitou trocar os nomes originais da lista por outros que já desejavam demitir-se.

Foi somente no dia 3 de março, através do sindicato, que os grevistas conseguiram por escrito a estabilidade por 60 dias e um plano de jornada para horas extras. Dentro do jornal, fontes seguras afirmam que as demissões serão efetuadas após os 60 dias e que a empresa pretende reduzir a redação como parte de um novo projeto para o jornal. Esta notícia entra em conflito com as declarações do diretor do jornal, José Comelli, que diz: "a demissão é um risco da greve, mas só por causa dela isso não acontece. Todos são funcionários da casa e espero que continuem sendo".

A greve foi um movimento espontâneo e não houve uma preparação para o início do processo. O que existia era um clima tenso que vinha crescendo desde dezembro de 87 com a discussão da data-base e com os sucessivos atrasos dos salários. A espontaneidade do movimento pode ser identificada em acontecimentos como a participação do sindicato apenas depois de deflagrada a greve e na inexistência de um projeto de reivindicações anterior a esta.

Vivemos uma nova realidade no país, onde segundo o próprio Comelli, "a greve, em primeiro lugar, é um direito". É um direito mais forte quando reivindica algo tão legal quanto o salário atrasado. O mínimo que uma empresa pode garantir é o pagamento em dia de seus funcionários que, se trabalham, querem ver seus esforços convertidos em moeda sonante.

Fotos: Daniel Conzi



Protestos: depois do Santa é a vez de O Estado

Nesse sentido a greve da redação foi positiva e, apesar da forma natural como aconteceu, prova que pode haver um trabalho maior de conscientização dos jornalistas enquanto categoria, além de servir como instrumento de luta para melhorar o grau de profissionalização e participação nas empresas.

Nem todos concordam com a forma como o movimento se desenvolveu. O ex-editor geral, César Valente, que demitiu-se durante a greve, acredita que a paralisação foi "inoportuna e precipitada". Ele acha que o primeiro erro foi a greve e o segundo, o fato dos grevistas não terem retornado ao trabalho no dia 15 de fevereiro, quando o jornal apresentou uma proposta de pagamento dos salários, pois assim

deixaram de lutar pelo cumprimento da lei, passando a prejudicar o jornal, não conseguindo a estabilidade que procuravam.

Já o diretor do jornal sente sua empresa injustiçada. Admito o erro administrativo e o julga mal conduzido, não excluindo em nenhum momento a possibilidade de greve. Pelo contrário: "faz parte da normalidade democrática". Justifica sua posição de não negociar por não ter sido procurado antes do fato consumado e mostra-se empenhado no sucesso do jornal, o que não o impediu de aplicar retaliações.

Essa opinião é compartilhada pelo atual editor geral, Mário Pereira, que prevê uma melhora na

qualidade e padrão do jornal, graças sobretudo à competência de sua equipe.

Aos leitores, resta esperar que "O Estado" supere esta crise e continue mantendo-se uma fonte confiável de informação, não repetindo o que já aconteceu no Rio Grande do Sul, onde por incompetência administrativa de Breno Caldas (ex-proprietário da Caldas Júnior, que editava "O Correio do Povo" e "Folha da Tarde") só restou o jornal impresso pela RBS, o "Zero Hora", casualmente o irmão mais velho do "Diário Catarinense".

Denise Rockenbach



Grevistas fazem passeata no calçadão



Jornalistas põem a boca no mundo

Em março, foram os revisores

No dia 14 de março a revisão do jornal retomou a greve interrompida dia 10 de fevereiro, quando a Imprefar prometeu conversações que não aconteceram. Indagado sobre o assunto, José Matusalém Comelli não reconheceu a greve e já pro-

videnciou outros funcionários para preencher as vagas dos "não-grevistas". Os 9 revisores, se fizeram um movimento suicida em número, tentaram pelo menos estimular a mobilização de outros setores também defasados.

Foto: Oltivo Lamas

Metais pesados contaminam baía

Lixão sai do Itacorubi e polui o mar

Há muito tempo que o lixão do Itacorubi vem sendo alvo de críticas. Agora é colocado um outro problema sobre ele: a existência de metais pesados que poluem a Baía Norte em Florianópolis.

Os metais pesados, como o níquel, o zinco e o mercúrio, têm um efeito destrutivo sobre a natureza. Quando despejados nas águas eles vão para o fundo, se acumulando nos sedimentos e nas algas. Estes sedimentos e algas vão propiciar a entrada dos metais no ciclo alimentar, pois são parte do habitat e da alimentação de muitos seres vivos, como peixes e camarões. O organismo não processa os metais, conservando-os consigo até a morte, quando se come frutos do mar contaminados, corre-se o risco de uma intoxicação que, dependendo da quantidade absorvida, pode ser fatal.

Segundo os professores Patric Rousseau e Armando Borges de Castilhus (que desenvolvem pesquisas nesta área, dentro do Departamento de Engenharia Sanitária da UFSC), a existência de metais pesados no lixo é comprovada, e é real a

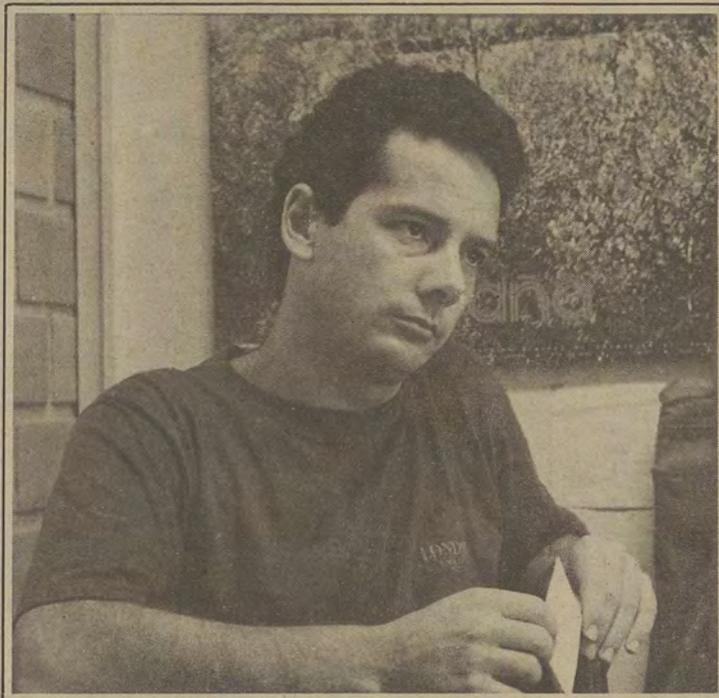


Foto: Fabiano Melato/Zero



Os professores Borges e Rousseau acreditam na existência dos metais pesados na baía norte.

possibilidade do acesso destes metais à Baía. Porém não existem dados de análises científicas que consigam provar definitivamente se há a poluição ou não, muito menos quantificá-la. Na verdade, não há nenhum trabalho conclusivo sobre isto, nem em andamento, nem a nível de projeto.

É levantado por esses professores um outro caso: o da

usina de compostagem de São José. O lixo que é usado como matéria-prima para a produção do composto (um tipo de adubo orgânico) passa por uma triagem para separar o que é orgânico do "resto". É no resto onde se encontram os metais pesados. Acontece que esta triagem é feita manualmente por operários, sendo considerada pelos dois professores como ineficiente. Assim, também existe a

possibilidade da contaminação deste composto. Deve-se esclarecer que há um projeto em andamento no sentido de monitorar a usina de compostagem a partir de análises do composto.

Apesar de haver apenas possibilidades de que esta poluição esteja ocorrendo, fica claro o descaso das autoridades e organismos competentes, já que, até agora, nada foi feito no

sentido de afastar este perigo. Aonde está o governo, a FÁTIMA, o dinheiro para pesquisas neste sentido? Por que esperar o desastre acontecer para depois voltar a atenção para ele? Está na hora de mudar esta postura.

Pedro Saraiva

Leis ordinárias não extinguem PV

Partido está na briga e quer seu candidato

O Partido Verde (PV) não vai ser extinto, contrariando o que foi noticiado nas últimas semanas pela grande imprensa nacional. No dia 17 de março expirou o prazo legal para o PV obter seu registro definitivo, de acordo com a antiga Lei Orgânica dos Partidos, que determina que sejam realizadas convenções em nove Estados e em um quinto dos seus respectivos municípios. O Tribunal Superior Eleitoral (TSE) não prorrogou seu registro provisório. Este prazo começou a contar há um ano atrás, no dia 17 de março de 1988, data da concessão do registro provisório pelo TSE.

Considerando uma forma arbitrária e autoritária, pois estaria burocratizando a participação da comunidade num partido político, o PV decidiu fazer a sua regulamentação através das leis ordinárias que deveriam ter sido votadas até fevereiro pelo Congresso Nacional.

No dia seguinte ao vencimento do registro provisório, o PV entrou com um outro. Além disso, o partido obrigou o TSE a prorrogar o prazo através de um mandado de injunção. Outra medida cautelar tomada pelo PV foi registrar-se num cartório civil para garantir o seu nome.

Para Sérgio Luís Boeira, coordenador de comunicação do PV em Santa Catarina e da Federação das Entidades Ecológicas (FEEC), houve um erro da Direção Nacional do partido ao não ter encaminhado a tempo um novo pedido de registro provisório. Boeira afirma que o PV está muito longe de ser extinto, mas também distante de se firmar enquanto partido estruturado em núcleos e diretórios em funcionamento.

Boeira, que também é mestre em Sociologia Política na UFSC com tese em Ecologia Política e Juventude, afirma que já está bastante avançada a discussão sobre a necessidade de um partido verde no Brasil. Para ele, o PV agora entra numa fase de democratização e expansão, visando o registro definitivo e iniciando o processo de alargamento de seu quadro de filiados com propostas mais claras. No entanto, as preocupações do Partido Verde vão muito mais além destas questões meramente burocráticas.

Nos dias 27 e 28 de maio, a Convenção Nacional do partido em Brasília vai eleger uma diretoria definitiva, e decidir qual a sua posição oficial diante das eleições presidenciais do dia 15 de novembro. No Encontro Nacional que aconteceu no Rio de Janeiro nos dias 11 e 12 de março, os temas principais da discussão foram, a questão da estruturação do partido e as eleições presidenciais. Neste encontro as regiões Sul, Norte e Nordeste levaram as posições das bases, que sugeriram o lançamento de uma candidatura própria, propondo o nome do Presidente Nacional do Partido



Foto: Ivaldo Brasil Jr./Zero

Para Jalila, o PV é opção à Presidência.

Verde, o escritor Fernando Gabeira.

Para Sérgio Boeira, o Encontro no RJ foi precário devido à excessiva improvisação e à ausência de importantes figuras do PV como Gabeira e Carlos Minck, deputado estadual do Rio de Janeiro.

Neste Encontro, ficou decidido que cada militante poderia apoiar qualquer nome de candidato à Presidência da República até, a Convenção que ocorrerá em maio. Daí sairá a posição oficial do Partido Verde a nível nacional.

O Partido Verde de Santa Catarina enviou telegramas ao Diretório Nacional, repudiando o fato de Gabeira e Minck terem assinado o protocolo de intenções e colocando o nome do PV como se estivesse apoiando a candidatura Lula à Presidência, no encontro que os partidos de esquerda fizeram em Brasília, no dia 29 de março. Para Boeira, isto não significa que o PV estadual não vá apoiar uma possível coligação Lula-Gabeira, caso esta hipótese seja oficializada em Brasília.

Nesta liberdade que foi criada pelo Partido Verde para seus militantes poderem apoiar qualquer nome à Presidência da República até a Convenção Nacional em Brasília, surgiu a idéia de lançar uma "Frente Verde" em Santa Catarina a partir da decisão do PV municipal de lançar uma candidatura à Presidência e provocar um debate a respeito de algo pouco discutido pelo PV a nível nacional: o ecodesenvolvimento.

Segundo Sérgio Boeira e Jalila El Achkar, vereadora do PV em Florianópolis e ex-vice-presidente do partido em SC, a "Frente Verde" é a tentativa de unificação de várias alas do PV quanto de outros movimentos populares como os de negros, de mulheres, de trabalhadores, de jovens e outros. Esta "Frente" não tem nomes concretos, mas o objetivo principal é ativar um pólo de discussão em torno da Ecologia. Para eles, o Brasil nunca discutiu a possibilidade de ter um presidente com bandeira prioritariamente ecologista.

Boeira afirma que as eleições presidenciais deste ano serão marcadas por uma dicotomia ideológica que deixará a população desorientada e marginalizada do processo político.

Para Jalila, o Brasil não está vivendo a fase dos extremismos políticos, mas um momento de grande importância em que o povo procura a sua própria resposta, através de pessoas abertas para discutir as questões sociais.

Ana Cláudia Menezes

Chapecó agora é tema de novela

Ex-prefeito e o atual num jogo de muita intriga

Se Gilberto Braga, Cassiano Gabus Mendes ou algum outro roteirista estiver procurando um tema para uma novela das oito na Rede Globo, não precisa pensar muito. Em Chapecó, desde janeiro, quando o atual prefeito assumiu o cargo, vem se desenrolando uma novela que promete ir ainda muito longe ou simplesmente sair do ar sem ter um fim. Os personagens principais da história, o prefeito Milton Sander (PDS) no papel de herói e o ex-prefeito Ledônio Migliorini como bandido, mobilizam e dividem a opinião pública. Enquanto alguns aplaudem a atitude de Sander em denunciar os "corruptos" da administração anterior, outros sentem-se penalizados pelo ex-prefeito que seria mais uma vítima da politicagem".

O caso que está tendo repercussão nacional, envolve além de Ledônio seu irmão e ex-secretário do Planejamento, Ermídio Migliorini e os ex-diretores financeiros Luiz Roberto Tilnan e Serley D. Ganassini, acusados de irregularidades financeiras e administrativas. Nas auditorias divulgadas por Milton Sander, a administração anterior provocou um rombo de 3 milhões de cruzados novos no município. Esse desfalque teria sido, segundo o Procurador Geral do Município, Renato Basso, devido a contratações irregulares, execuções de obras fora dos padrões aceitáveis e com pagamentos acima do necessário, desvio de verbas e crime de especulação (utilização do dinheiro público para fins pessoais).

AS EMPRESAS ENVOLVIDAS

Nesse rolo também estão envolvidas várias empresas e Postos de Gasolina. O caso mais grave é da empresa paranaense INEPAR, considerada uma das maiores do mercado nacional de equipamentos eletromecânicos. Ficou provado nas auditorias que a empresa recebera 155 mil OTNs a mais do que consta no contrato referente ao asfaltamento de certas ruas da cidade. O advogado Renato Basso conta que foi encontrada uma procuração datada em

junho de 88, onde a administração Migliorini repassava para a INEPAR todo o ICM recebido pelo município, até dezembro de 89. Segundo o procurador geral da prefeitura, essa teria sido a principal causa da falência do município, que no final de 1988 teve de recorrer às verbas destinadas ao juizado de menores para pagar seus funcionários.

Alguns postos de gasolina, a exemplo das empresas, saíram lucrando com o dinheiro público, através do repasse de cheques da prefeitura. Nos contracheques da prefeitura constaram débitos em nome das firmas (no caso dos postos) quando na verdade os cheques eram nominais à própria prefeitura. Em apenas um dia, por exemplo, Ledônio emitiu 40 cheques que foram desviados para sua caderneta de poupança. Esse é o único caso "comprovado" em que o ex-prefeito beneficia-se pessoalmente.

AS PUNIÇÕES

Essas acusações só começaram mesmo a ser levado a sério, ao menos pelas pessoas não envolvidas diretamente, quando o Juiz da 2ª Vara Cível de Chapecó, Geraldo da Rocha Reichmann, tomou a medida liminar de seqüestro dos bens dos ex-administradores da prefeitura, para evitar que os mesmos repassem seus bens para terceiros enquanto os processos estão em andamento. A partir daí que as coisas começaram a esquentar. De um lado ficou o prefeito Milton Sander que diz ter assumido um compromisso com os chapecoenses e portanto levará as acusações até o fim. Do outro lado está Ledônio Migliorini, abandonado pelo partido, PMDB, e sem se defender pois afirma não dever nada a ninguém.

Milton Sander "tenta" deixar claro que fez tudo para não envolver o nome de Ledônio nas irregularidades, afinal já foram colegas de partido, mas infelizmente não conseguiu devido, as provas claras da má administração. E esse fato é que deixa muita gente com a pulga atrás da orelha. Como considerou um chapecoense, "ou eles não foram nada espertos deixando as sujeiras encobertas, ou alguma coisa não está bem contada. E como somente atrás do espetáculo os artistas tiram as máscaras, somente quem está nos bastidores sabe quem é quem".

VERSÕES E VERSÕES...

Boatos, fofocas, intrigas. Isso



A justiça tarda mas não falha...

tudo faz parte do jogo político. Alguns jornalistas que acompanham o caso de perto afirmam que o grande beneficiado no desfalque da prefeitura não foi o ex-prefeito e sim seu irmão Ernídio que recebeu em 18 de março de 1985, uma procuração onde Ledônio o autorizava de qualquer decisão, ou seja, lhe dava carta branca. "Não que isso isente Ledônio da responsabilidade, mas...", comenta um repórter.

O que leva as pessoas a desconfiarem da dita impunidade de Ledônio é o fato dele não mostrar os documentos que diz possuir, os quais incriminariam Milton Sander quando da sua administração anterior, de 1978 a 1982. Befe ou uma carta na manga, esperando para ser jogada na hora certa? Existem ainda comentários de que o empresário e tio de Ledônio, Plínio Arlindo De Nês, antigo político da cidade, atualmente peefelista, tenha uma significativa

participação nas acusações contra o ex-prefeito. Segundo a própria mulher de Ledônio, Marialice, De Nês estaria se vingando do sobrinho devido a uma antiga briga política.

JUSTIÇA???

O fim dessa novela é que ninguém sabe, mas tanto a imprensa quanto os partidos não envolvidos na história garantem que não vão deixar que as coisas parem por aí. Quem tiver culpa no cartório terá de acertar as contas com os chapecoenses, sejam eles miltons ou ledônios. E que o provérbio dito por Milton Sander se concretize: "A justiça tarda mas não falha"...

Ilka Goldschmidt

SC é campeão brasileiro de meningite

Com os números alarmantes de meningite registrados nos três primeiros meses deste ano, a Secretaria da Saúde de Santa Catarina anunciou, no dia 30 de março, o lançamento de uma campanha de caráter emergencial, com o objetivo de deter o avanço da doença em todo o Estado.

Durante o ano passado foram notificados 377 casos de meningite em Santa Catarina, o que duplicou o número de casos. Neste ano, em apenas três meses o número subiu para 731, o que coloca nosso Estado como campeão nacional de casos de meningite. O curioso é que em texto publicado no dia 31 de março, a Folha de São Paulo registra que o número de casos triplicou, ultrapassando 900 registros.

Apesar das informações desconexas, a Secretaria da Saúde se baseou nos seus 731 casos para lançar a campanha "Informações Sobre Meningite". O programa procura esclarecer a população como evitar que a meningite cause óbitos, ou deixe seqüelas.

Como o secretário da Saúde se encontrava em Brasília, e o médico Osvaldo Vitorino de Oliveira esteve impossibilitado de nos receber, Lisete Contin, responsável pela divulgação da campanha, afirmou que no ano passado ocorreram quatro casos por cada 100 mil habitantes, enquanto em 89 a média subiu para oito e poderá aumentar ainda mais com a chegada do inverno. Ela enfatiza que em 89 essa relação poderá superar até mesmo o ano de 1974, quando foram registrados 24 casos para cada 100 mil habitantes.

Cuidado com ela

A meningite é uma doença causada por micróbios, que ocasiona inflamação das membranas que envolvem e protegem o sistema nervoso central. Essas membranas são as meninges. Caso não seja identificada e tratada em tempo, pode causar seqüelas como surdez, convulsões, retardamento, paralisia dos membros e até mesmo a morte.

Como esta doença não tem vacina, a maneira mais racional de evitar problemas irreversíveis, é levar o doente ao médico assim que os primeiros sintomas aparecerem. Caso seja tratada em tempo pode ser completamente curada. Estes sintomas são a febre, forte dor de cabeça, vômitos e rigidez nos músculos da nuca.

A meningite é transmitida principalmente de pessoa para pessoa, através do contato direto, pela fala, tosse espirro ou beijo. Os cuidados que se deve ter com a doença são imediatos, encaminhando os suspeitos de contágio a um posto de Saúde. Além disso, deve ser evitada a automedicação, de forma a não agravar o quadro ou dificultar a identificação da bactéria.

Rafael Masseli

Mirad dificulta assentamentos

O que mais está preocupando as famílias dos sem-terra em Santa Catarina é que o Mirad (Ministério da Reforma Agrária), desde 1985, só conseguiu assentar 2.500 famílias, quando só no Oeste do Estado existem mais de 40 mil agricultores sem-terra. Outra preocupação é com o aumento do prazo de pagamento dos Títulos de Dívida Agrária (TDAs) aos proprietários das terras que foram ocupadas pelos colonos. O prazo passou de cinco para dez anos. Essa medida fez muitos proprietários mudarem de idéia nos negócios com o governo.

Na fazenda de Guaruva, no norte do Estado, 110 famílias seriam assentadas, mas o proprietário desistiu da negociação pela prolongação do prazo de pagamento. O mesmo aconteceu em Campo Erê, na fazenda de Omélio Menta, onde o proprietário já havia autorizado a venda da terra, mas desistiu ao saber que o governo pagaria o valor só daqui há dez anos.

Para Dilson Barcelos, do Movimento Sem-Terra de Chapecó, a principal dificuldade dos colonos nos



Famílias sem-terra esperam o inverno

acampamentos é com a chegada do frio. "Não há alimentação e nem remédios, a situação é crítica", reclama.

O Mirad recebeu um documento dos colonos há mais de 20 dias, mas nenhuma reivindicação foi atendida. No dia 11 de abril os sem-terra se reuniram com o Mirad para negociar o assentamento de 92 famílias na cidade de Campo Erê. O

ministro da Reforma Agrária está propondo que seja feita uma cooperativa de assentados, onde a terra ficaria em nome da associação.

IRREGULARIDADES

Há dez quilômetros de Chapecó, em Baronesa da Limeira, estão assentados mais de 80 famílias, sendo que a maioria possui casa própria. Só

que os colonos enfrentam um problema que vem se desenrolando há mais de 40 anos: eles não possuem título de propriedade.

Muitas dessas famílias receberam essas terras da empresa Ernesto Bertaso, que não deu aos colonos o título de propriedade. Com o passar dos anos os sem-terra instalaram-se em Baronesa de Limeira e os colonos começaram a negociar as terras mesmo sem escritura. Depois de muita confusão, o governo Federal comprou a terra da empresa Bertaso, mas até agora o Mirad não deu aos colonos o título de propriedade. Segundo o executor de Projetos Fundiários de Santa Catarina, Osmarildo Chizoni, o Mirad não dispõe de recursos para levar a metade dessas famílias para outros assentamentos, pois em Baronesa de Limeira, apenas 15 famílias poderiam receber o título de propriedade".

Os colonos sem-terra continuam impacientes e angustiados, porque o inverno logo será mais um adversário.

Rute Enriconi

Ex-vereador do PCB lança autobiografia em Florianópolis

Aos 86 anos, "Seu Mimo" escreve
sobre a vida dos comunistas catarinenses

No dia 4 de abril, Manuel Alves Ribeiro, o "Seu Mimo", lançou, aos 86 anos de idade, seu livro "Caminho". O lançamento foi patrocinado pelo Instituto Cultural de Amizade e Solidariedade Entre os Povos (ICASP). Na obra seu Mimo conta toda a sua vida, desde seu nascimento, pobre, em

Imaruí, SC, até os dias de hoje.

O lançamento do livro foi uma verdadeira convenção de comunistas. Vários expoentes do Partido Comunista Brasileiro de Santa Catarina estavam presentes. Entre eles, Sérgio Grando, ex-candidato à prefeitura de Florianópolis, Vilson Ro-

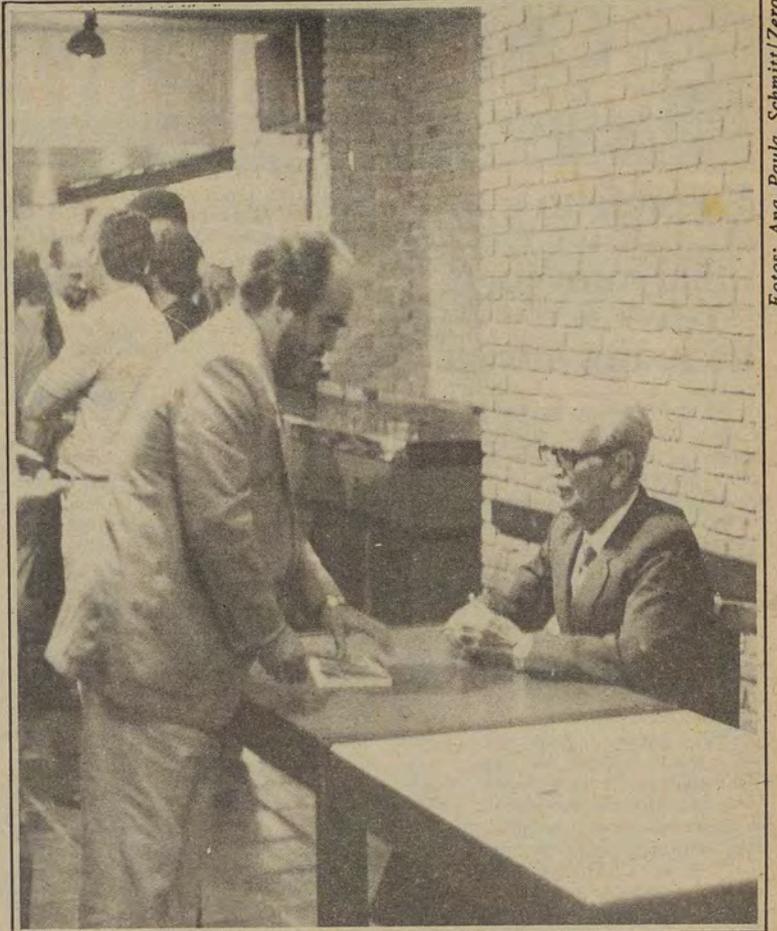
salino, o segundo vereador mais votado (também da capital) e Marcos da Rós, presidente do partido na cidade.

Um pequeno stand instalado no salão, vendia bottons com as inscrições "Cuba" e "D. Romero Vive" e adesivos da "Radio Vencemos El Salvador - Voz Oficial Del Frente Farabundo Martí Para La Liberación Nacional". Eram vendidos até charutos cubanos.

Estavam também presentes a secretária da Cultura, Zuleika Lenzi e a vereadora Clair Castilhos, do PSDB.

Manuel Alves foi um orador extraordinário, se destacava nos comícios em praça pública e, posteriormente, no plenário.

Sua vida é baseada em lideranças, tanto como operário que lutava pelas causas da sua classe, como político, foi o 1º vereador do PCB eleito em Florianópolis, em 59. Nesse ano o PCB ainda era clandestino e a sigla usada foi PSP, Partido Social Progressista.



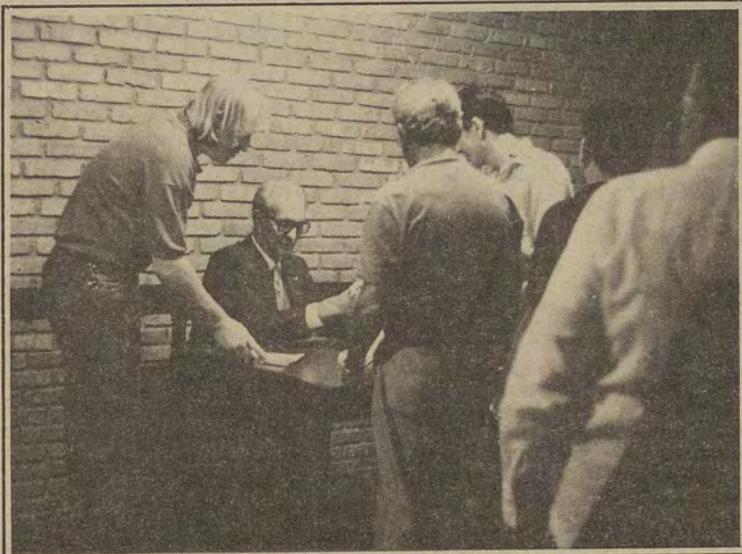
"Seu Mimo", ainda forte e firme na sua luta

Seu Mimo foi diretor estadual do PCB e chegou a visitar a URSS a convite do Partido Comunista soviético.

Todos os episódios políticos da época estão relatados no livro, formando um contexto com a vida de seu Mimo.

A luta deste homem, porém, não acaba aqui - segundo Sérgio Grando, ele está comprometido a continuar a militância no partido, depois de descansar por 15 dias, porque ninguém é de ferro.

Ana Paula Schmitt



Noite concorrida. Duas gerações: Grando e seu Mimo.

Têxteis: greve quebra tradição

Para os patrões,

CUT é "tropa

de baderneiros"

Funcionários de vários setores da Sulfabril, Cremer, Majú, Hering e Teka paralisaram suas atividades na terça-feira, 13 de março, reivindicando a reposição das perdas salariais acumuladas desde a data-base, em setembro de 88, que segundo cálculo feito pelo Dieese, totaliza 87,6%. O sindicato patronal propôs um reajuste de 33,1% a ser pago a partir de março.

Osmar Zimmermann, presidente do sindicato dos empregados, acusa os empresários de tentarem desestabilizar e desmobilizar a categoria fazendo propostas isoladas para esvaziar a assembleia. Cita como exemplo a Teka, onde houve uma paralisação na sexta-feira, 9 de março, de aproximadamente mil funcionários.

A Teka fez uma proposta aos

funcionários que criou certa polêmica entre o empresariado, havendo dúvidas de que a empresa tivesse condições de cumprir as promessas.

Ulrich Kuhn, diretor de comércio exterior da Hering, diz que "esta greve vinha há muito sendo premeditada".

As grandes assembleias inter-sindicais realizaram-se no dia 12 de março com aproximadamente 15 mil pessoas sendo que logo a seguir, com o mesmo público, foi realizada a assembleia dos têxteis. Os funcionários da maioria das indústrias têxteis, metalúrgicas, de cristais e brinquedos entraram em greve já no dia 13 de março, ou seja, antes da greve geral.

Kuhn afirma ainda que a CUT sentiu um clima muito propício à greve e enviou a Blumenau uma tropa de choque de baderneiros que assombraram a cidade, junto com alguns funcionários mais rebeldes das indústrias. Houve todo tipo de vandalismo, como quebra de ônibus, ofensas e cuspidas nos fura-greve, etc., diz o industrial.

Os empresários retiraram as propostas já feitas e decidiram negociar, com a condição de volta definitiva ao trabalho.

Várias táticas de desmobili-

zação foram adotadas pelas empresas, como assumir a responsabilidade ante as empresas de transporte urbano de todos os danos causados aos veículos e oferecendo abonos aos funcionários, que por etapas foram retornando ao trabalho.

Wilson Cerqueira, assessor dos empresários, acredita que os operários teriam mais sucesso se não tivessem aderido ao movimento da CUT/CGT. Ele acha que a insatisfação do operariado dentro das fábricas foi muito bem direcionada pelo presidente do sindicato dos trabalhadores, Osmar Zimmermann, para sua própria segurança.

Entretanto, diz Cerqueira, ele não soube usar esse poder que a categoria lhe deu, pois se tivesse barganhado isso através de um processo de negociação, teria feito um acordo com ganhos significativos, pois o empresariado estava sensível ao problema.

Cerqueira recorda que a paralisação começou muito forte, mas sem a caracterização do movimento têxtil isolado. "Quando a greve geral acabou, o movimento desses trabalhadores caiu vertiginosamente e o processo decorrente foram as assembleias de caráter menor, com o retorno de até 85% dos trabalha-

dores para as fábricas".

Wilson Cerqueira explica que Blumenau é o primeiro pólo têxtil do Brasil, e o terceiro em homogeneidade, como tal, o segmento é muito importante para as demais categorias.

"Se o empresariado cedesse sob pressão de greve, através de uma política de desunião, isso representaria não só o crescimento desse sindicato, como dos outros. Podendo propiciar também a importação de modelos sindicais de outros centros para Blumenau. E foi exatamente contra isso que o empresariado lutou. "Por outro lado era o que pretendia a CUT".

Os benefícios trazidos pela greve não foram muitos, "ela não ajudou ninguém" afirma o diretor de comércio exterior da Hering, que garante que os adiantamentos salariais de 35% em abril e 5,18% não representam uma vitória para a categoria, pois os mesmos índices poderiam ter sido alcançados sem a radicalização e já tinham até sido acordados a nível informal.

Alessandra Meinicke



República

Dominicana

vira livro

O jornalista Raimundo Caruso, professor do curso de Jornalismo da UFSC, lançou o livro "A Invasão Brasileira de 1965 e a Guerra de Santo Domingo" (editora Ícone) no dia 31 de março, nas dependências do curso. O livro resultou de diversas reportagens feitas pelo autor sobre a participação de cerca de mil soldados brasileiros na invasão da República Dominicana, liderada pelos Estados Unidos e apoiada por ditaduras militares latino-americanas.

A invasão americana aconteceu em 1965 e gerou protestos em toda a América Latina e Europa, o que fez o governo americano procurar apoio para a intervenção. A Organização dos Estados Americanos (OEA) se negou a participar; mas países latinos que viviam período de ditadura militar ratificaram a posição americana, dentre os quais o Brasil do general Castello Branco.

Documento histórico importante, o livro traz depoimentos de pessoas envolvidas direta ou indiretamente com a invasão, quer do lado militar, quer do lado da resistência. Enfim, uma análise profunda de um fato que merece ser lembrado para não ser repetido.

Fabiano Melato

Jornalistas discutem cultura

Tema dos debates

é a integração

latino-americana

O Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina na comemoração de seus 10 anos de existência, vai sediar o maior evento cultural do ano. Entre 6 e 10 de setembro acontecerá o XII Congresso Brasileiro de Pesquisadores da Comunicação, tendo como tema, "Indústrias Culturais e os Desafios da Integração Latinoamericana". Junto a este congresso a Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ), promoverá um seminário sobre a Mediação do Jornalista na Integração entre os Povos. Ainda, a Federação Catarinense de Cultura organizará mos-

tras de filmes cubanos, apresentações de teatro de grupos chilenos e argentinos e exposições de artes plásticas de pintores latino-americanos.

O objetivo destes encontros é promover uma maior integração entre os países da América Latina, tomando como exemplo a recente aproximação econômica entre Brasil, Argentina e Uruguai. Pela primeira vez, acordos assinados pelos presidentes Sarney, Alfonsín e Sanguinetti ultrapassam o simples "desvio de comércio", que representava até então as relações entre os três países.

É dentro deste esforço de integração que surge o tema das indústrias culturais. Não apenas como impulsionadoras da modernização através da difusão de tecnologia, ciência e cultura, mas também por seu papel ideológico na formação de valores, superação de preconceitos e democratização da informação.

Hoje, a América Latina tem uma produção cultural capaz de

abastecer todo o continente, com mensagens e informações produzidas conforme os seus valores de cultura e tradição. Destacando-se por exemplo, as telenovelas brasileiras, o cinema cubano, os discos venezuelanos, os livros argentinos, as fotonovelas mexicanas, e assim por diante. Existindo uma grande necessidade de divulgação dessa cultura, para impedir a invasão dos produtos que refletem os valores dos países dominantes.

A participação do jornalista nesta integração latino-americana, passa pela iniciativa de colaboração mútua, intercâmbio de informações e troca de experiências, numa tentativa de quebrar o bloqueio de circulação de informações, feito pelas grandes potências, e promovendo uma maior troca de informações entre os povos.

O XII Congresso Brasileiro de Pesquisadores de Comunicação - Indústrias Culturais: os desafios da integração latino-americana, terá como subtemas: 1) Mercado comum latino-americano: exporta-

ção e consumo de produtos culturais; 2) Identidade cultural: popular e massivo nacional e transnacional; 3) Políticas de comunicação e cultura: estratégias de cooperação. No Seminário os subtemas serão: 1) A mediação do Jornalismo: elementos para uma discussão ética e teórica da atividade jornalística; 2) A mediação dos jornalistas nos processos sociais do continente: análise da situação por região; 3) A mediação dos jornalistas na integração latino-americana: propostas e perspectivas.

Em Florianópolis a coordenação dos encontros está sob a responsabilidade do professor Eduardo Meditsch, chefe do Departamento de Comunicação e da coordenadoria de Apoio e Eventos da UFSC, Bruno Sclemper, reitor da Universidade Federal de Santa Catarina foi convidado para ser presidente de honra do Congresso Brasileiro de Pesquisadores da Comunicação.

Sabrina Franzoni



Eventos vão reunir jornalistas e professores da América Latina e Caribe

Curso mostra a produção de 88

Textos, fotos,

áudio e vídeo

em quantidade

Durante uma semana o Curso de Jornalismo pareceu um centro de encontros noturnos entre estudantes, encerrando-se com algo comparável a uma festinha de garagem: som, piadas, agito, bebida ...

É que realizou-se, de 27 a 31 de março, a II Mostra Intena do Curso de Jornalismo, concurso que conta com o total de sete categorias: Audiovisual, Vídeo, Texto Jornalístico (dentro e fora do Curso), Literário (Prosa/Poesia) e Foto.

No dia 27 houve apresentação de três Audiovisuais concorrentes, graças à gentileza do Prof. Agamenon Amaral, que liberou a turma da 1ª fase. A salinha de projeções mal suportou o alto número de espectadores (em sua grande maioria calouros). O vencedor da mostra de Audio-Visual foi Daniel Izidoro, com o vídeo "Hecatombe" - um apelo ecológico que critica a ação do homem que pode levar à guerra nuclear - um assunto muito em voga atualmente.

A apresentação do Vídeo, no dia 28, teve um inesperado atraso, realizando-se mais tarde e portanto espantando um pouco o grande público presente. Além do excelente "Estado de Greve", vídeo vencedor que aborda a Greve Geral realizada nos dias 14 e 15, merecem destaque os vídeos



Para a posteridade, alguns dos vencedores da II Mostra

"A Arte de Curar" e "Teatrando", 2º e 3º lugar respectivamente.

A exposição de textos (tanto jornalísticos como literários) não contou com o mesmo público dos dias anteriores, considerando-se que os textos foram simplesmente fixados nos murais para apreciação do público.

Na categoria Texto Jornalístico houve uma subdivisão devido à incompatibilidade entre os textos elaborados para o ZERO, e para jornais de circulação estadual. O texto "Mina de Carvão sai da Falência na Mão dos Trabalhadores", de Geraldo Hoffmann, ganhou entre os textos publicados dentro do Curso, e "Em Busca da Terra 320 Famílias Lutam no Oeste" entre os textos publicados fora do Curso, de Carlos Locatelli.

Na categoria Texto Literário, poesia, houve empate na 1ª colocação, entre "Sombra", de Júlio César Pompeo, e "Fogueira", de Jean René Raup. Na prosa, todos louvores para o impagável "Tudo na Vida tem seu Preço", de Dauro Veras, um texto humorístico muito bem elaborado que mereceu o indubitável primeiro lugar.

Na categoria de Foto venceu "Romaria", de Jacques Mick, seguido de "Sem Título III", de Nely Carolina (Carol) e "Sem Nome I", de Fernando César Moskopz. Fotos de boa qualidade foram fixadas no quadro negro da Sala de Redação, e era difícil prever quem venceria antes do parecer dos juízes.

No mesmo dia da apresentação das fotos houve o encerramento do II SET, onde o comparecimento do público foi ainda maior. A divulgação dos trabalhos vencedores foi feita pelas meninas do C.A. num clima de improvisação e bom humor, sendo necessário destacar a elegância das apresentadoras, todas maquiadas e bem vestidas. Explica-se: elas estavam sendo filmadas ...

Após a divulgação dos vencedores de Audiovisual e Vídeo houve apresentação dos primeiros colocados, precedido pelo sensual Foto Clip do fotógrafo Luiz Paiva.

No decorrer da cerimônia houve uma "performance" realizada pelo grupo performático Algas Cianofceas, uma apresentação muito louca que foi,

no mínimo, engraçada. Os componentes do grupo fizeram uma aparição surpresa e tentaram satirizar a comunicação através de suas fantasias.

A premiação foi feita com livros adquiridos pelo Centro Acadêmico de Jornalismo, que gentilmente arrecadou fundos para a "choppada" que aconteceu logo após a cerimônia de encerramento.

Infelizmente o Prof. Brito e o calouro Pedro Saraiva não levaram em conta os esforços das meninas em arrecadar fundos, derramando boa parte dos dois barris no corredor do curso. Foi sem querer ...

Todo o mérito deve ser creditado aos elaboradores do evento, o pessoal do C.A., que batalhou e fez o diabo para que a II Mostra fosse realizada. Nosso especial agradecimento a este pessoal que fez de tudo e conseguiu realizar nesse semestre a II Mostra Interna do curso de Jornalismo.

Gustavo Cabral

Reitoria aluga

o campus e

espera verbas

A falta de verbas para as universidades, longe de ser um problema novo, encontrou em 89 um sério agravante: o plano Verão. Com a resolução do governo em cortar as despesas públicas em 50%, a reitoria da UFSC tem tentado contornar o problema. Neste sentido, ela propõe a veiculação de propaganda de empresas privadas no campus em troca de prestação de serviços, como manutenção e limpeza.

Mesmo sem o parecer do pró-reitor titular, Fernando Fonseca, que está em férias, a ideia já foi aprovada pelo Conselho de Curadores. "A decisão não foi unânime", avisa o Diretório Central dos Estudantes. Conforme Volnei Schuk, membro da diretoria do DCE, o Conselho é formado por nove integrantes e o único representante dos estudantes manifestou-se contra a proposta. A preocupação do DCE é assegurar a autonomia da UFSC, pois a ideia de merchandising poderia reavivar a polêmica sobre a privatização da universidade.

Já o professor Hans Werner Hackrad, coordenador da Pró-reitoria de Administração, afirma que por enquanto não há encaminhamento algum do projeto. Há apenas uma consulta sobre a viabilidade jurídica da questão.

O impasse não chegou nem a ser discutido, uma vez que o Ministro da Educação garantiu nos últimos dias que as verbas para educação não sofrerão cortes. Com isto a UFSC receberá os 25% aprovados antes do Plano Verão que, com a contenção de despesas, reduziu-se a 12,5% do total da verba.

Mesmo assim a medida do ministro não suprirá as necessidades da universidade ou seja, é provável que o debate seja adiado para o segundo semestre.

Clarissa Santos



Foto: Fernando Moskorz/Zero

Os performáticos em ação

Depoimento sobre uma paixão: JORNALISMO

Aqui, um trecho de A Regra do Jogo, leitura obrigatória nas palavras de um mestre sobre jornalismo, seu ensino e universidade.



O jornalista só é bom se formado desde cedo. A juventude é a fase mais bonita da vida da gente, é quando se começa a engolir as coisas, a aprender. Rimbaud, por exemplo, produziu seus melhores poemas aos dezesseis anos já tinha tido uma intensíssima — depois foi ser contrabandista de armas na Etiópia, na guerra do Menelick. Mas hoje o jovem excepcionalmente inteligente não vai perder tempo em jornal: ele vai ganhar dinheiro, jogar na Bolsa, mexer em computador.

De minha parte, comecei a aprender o Brasil muito tarde, porque minha formação foi muito internacionalista, mas não cosmopolita. Quem me marcou muito como escritor foi André Malraux, que exerceu uma enorme influência na maneira como eu escrevia antigamente. Também li muito Jack London. Acho que o jornalista deve ler Shakespeare, que é indispensável. No lugar de ler vários tratados de psicologia, em Shakespeare aprende-se toda a psicologia humana.

Quando vem a sensação de que se está perdendo muito das idéias que se quer colocar no papel, então é preciso trabalhar mais o idioma e exercitar a leitura. O jornalista precisa ler muito, ler literatura, porque a literatura nos põe em contato com o universo comum dos homens. E também é preciso ler poesia. O grande escritor é universal, e através dele entramos em contato com os problemas do mundo e do ser humano. Toda referência do homem é o ser humano, toda cultura, tudo diz respeito ao ser humano, e não há outra referência mais importante do que essa. E a literatura é o caminho para isso.

Talvez um dos segredos do sucesso que tive em minha carreira seja o fato de que nunca tinha lido muito jornal brasileiro. Quando era menino lia o *O Estado de S. Paulo*: mais mocinho lia o *New York Times*, porque trabalhava numa companhia multinacional que recebia esse jornal e o *Times* de Londres. Sempre li muito jornal estrangeiro a vida inteira.

Para ser jornalista é preciso ter uma formação cultural sólida, científica ou humanística. Mas as escolas são precárias. Como dar um curso sobre algo que nem eu consigo definir direito? Trabalhei quarenta anos em jornal e acho muito difícil definir o que meia dúzia de atrevidos em Brasília definem como curso de jornalismo. Foi o que fez o patife do Gama e Silva (ministro da Justiça do governo Costa e Silva), que elaborou a lei para tirar os comunistas dos jornais.

Em seu trabalho, o repórter sempre vai ver coisas diferentes na sua essência e no seu aspecto externo. Um repórter vai fazer matérias políticas, ou vai descrever uma enchente, um desastre; vai ver o drama de uma família, tratar de um problema coletivo ou entrevistar um ministro. Por isso ele precisa ter muita flexibilidade na maneira de se exprimir, e para isso deve também ter um domínio maior da língua. E também é importante que saiba escolher as palavras exatas para determinar ocasiões. Uma crônica de Rubem Braga sobre o sabiá é leve; já seus textos com correspondente de guerra são muito mais densos. Cada situação tem seu próprio *pathos* e é preciso transmitir aquilo para o leitor. Por isso o jornalista tem que ler muito, sempre.

É preciso ler Dante, Camões, Homero e Heródoto, Faulkner, Mark Twain, Scott Fitzgerald, Proust, André Gide só um pouquinho, porque é muito deletério. E George Orwell, não pelas coisas que diz, mas pela sua inteligência, pelo uso da língua e pela maneira independente de raciocínio, embora no fundo seja muito conservador. É preciso ler os libertários americanos, Walt Whitman e Emerson, e Paul Goodman.

Dos brasileiros não sei bem. É preciso ler Florestan Fernandes. De Guimarães Rosa tenho horror; gosto dos contos, mas como romancista é muito complicado. Aquilo é charada alemã. Talvez as pessoas devam ler Guimarães, mas eu não. Prefiro Erico Veríssimo, que é um escritor menor mas está mais ligado à realidade brasileira.

Aconselharia aos jovens jornalistas conversar com pessoas como Luiz Carlos Prestes, Oscar Niemeyer, Fábio Pentead, Paulo Mendes da Rocha, Darcy Ribeiro. Há pouco tempo, Darcy me descreveu como imaginava que os franceses, todos huguenotes, chegaram ao Rio de Janeiro; sujos, pois nunca tomavam banho, todos cheios de feridas, os olhos inflamados e a Bíblia na mão. As indiazinhas bonitas e limpas na praia — tomavam banho a toda hora — e do outro lado aquela gente fedida, suja, bárbara, atrasada. É preciso destruir o mito de que tudo o que a civilização traz é bom; ela também trouxe o lixo.

Quando eu era menino ainda havia aqueles velhos anarquistas — agora só existem anarquistas anticomunistas, esses não

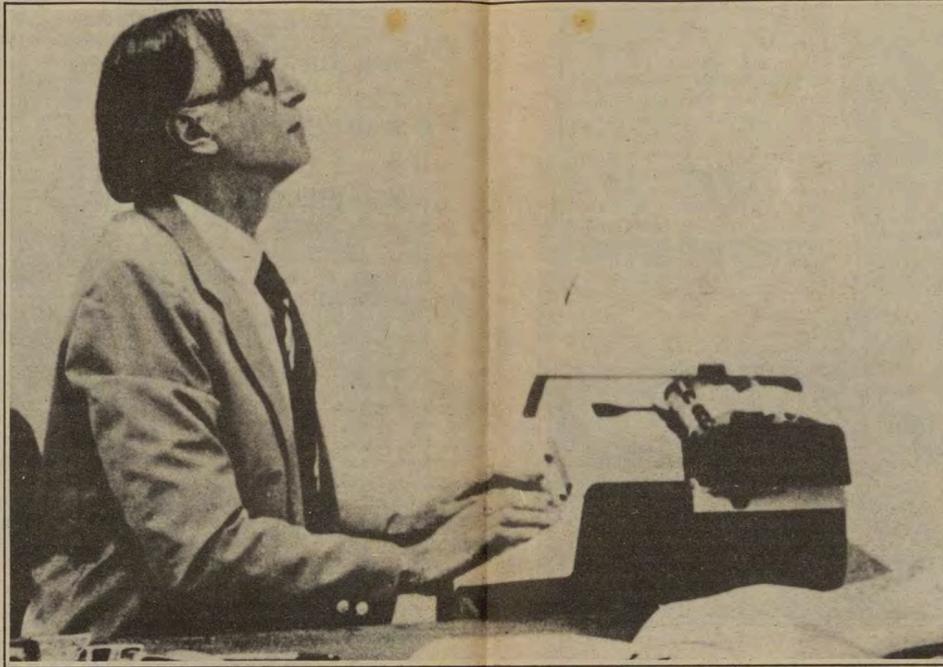
servem. É preciso conversar com alguns anarquistas para guardar a liberdade de pensar livremente, porque são todas pessoas não conformistas, que não se dobram. Mas, por outro lado, deve se ter moderação ao ler Adorno, Benjamin, escola de Frankfurt, que é todo lixo; é interessante, mas não deve substituir o outro conhecimento, a outra cultura, isto é, não se pode colocá-los no lugar de tudo. É preciso também fugir da semiologia, da semiótica, de Lévi-Strauss: isso tudo é o lixo da história, isso a história vai deixar como os índios deixaram o bispo Sardinha.

Hoje a vida das pessoas mudou muito. São Paulo era uma cidade muito menor e havia uma elite intelectual identificável. Hoje ela está espalhada, e talvez se produzam coisas muito mais sérias do que se produziam naquela época. Mas a improvisação dava origem a uma certa inquietação. A improvisação não deve substituir o rigor artesanal e o rigor de ofício, mas às vezes serve para criar coisas — especialmente quando o criador é bom e inteligente — e estimular um certo tipo de fulguração. Mas a improvisação não pode substituir o domínio do artesanato; o sujeito que escreve tem de saber escrever, o que pinta tem de saber pintar, o marceneiro que é bom tem de saber lidar com seu ofício.

É preciso se preocupar com os fatos históricos. Assim como os jovens, também não vivi o Império romano e nem ouvi o discurso de Marco Antônio; não vi as conquistas de Genghis Khan ou as manobras de Shaka. Não vi nada disso mas sei que existiram. O fato é que grande parte do nosso conhecimento é adquirido com as leituras. Mas saber distinguir uma figueira de um cavalo, ou saber que a rede elétrica em São Paulo é aérea, e não subterrânea como em Londres ou Paris, são coisas que não se aprendem nos livros.

O jornalista deve ter uma formação cultural sólida e tem que saber muito bem algumas coisas. Ele deve saber história, saber como funciona seu país, a máquina do país, as relações na sociedade. A menos que uma escola de comunicações ofereça um curso de história completo, é preciso ter conhecimento, elementares, que teoricamente deveriam ser aprendidos no ginásio. O jornalista tem ainda que conhecer bem a língua, para saber manejá-la com a proficiência necessária. Como um curso de jornalista vai dar tudo isso?

Os cursos dão muitas coisas que, no fundo, são apenas



“Vejo tanta gente mobilizada contra os cursos que acabo desconfiando”.

noções. Por isso, o jornalista ficou com a fama de ser um especialista em generalidades. A meu ver o curso de jornalismo deveria ser um curso de pós-graduação. O ideal seria ter nas redações economistas, sociólogos ou médicos que, além do curso específico, tivessem uma pós-graduação em jornalismo e aprendessem como contar as coisas e escrever com clareza.

Sobre a universidade não posso falar muito, pois a conheço pouco; meu contato é com gente que eventualmente dá aulas. O que noto é que a Universidade de São Paulo, para tomar apenas um exemplo, sofreu sucessivos golpes a partir de 1964; alguns professores eminentes foram cassados e em seu lugar fizeram carreira os que mantiveram uma atitude suficientemente cordata para com o sistema para não serem cassados. Já de início percebi-se que havia um *capitis diminutio* do professor, pois ele não podia tratar livremente de sua matéria e ao mesmo tempo fazer sua *carrière*. Dessa forma, o que se vê hoje na USP são historiadores e sociólogos muito ruins fazendo carreira no lugar de muita gente boa, que foi afastada.

Ocorreu ainda a burocratização da universidade, aquele lugar concebido para ter gente que europeie e ensina-se o que pensasse. Nas universidades americanas e européias encontra-se muito o sujeito que dá uma aula por mês, mas que conversa muito com os alunos. É preciso conversar com os alunos porque a atitude de apenas transmitir as disciplinas acaba categorizando o conhecimento. O conhecimento é uma coisa que não tem rumo, não tem muita bússola. Foi a burocratização da universidade, com seus títulos e diplomas, que provocou uma espécie de hierarquia militar em seu interior. E depois da ditadura, o que aconteceu: a USP é um exemplo disso: com a ditadura, os melhores professores foram cassados ou expulsos, como Florestan Fernandes, Mário Schemberg, José Arthur Giannotti, Fernando Henrique Cardoso, Paulo Freire, Luiz Hildebrando, Salmeron. Antonio Candido ficou, mas o resto foi expulso. Em seu lugar suberam os epígonos. Sérgio Buarque de Holanda, uma figura fantástica de ser humano e com uma riqueza interior formidável, foi substituído por gente que é anedota. Essas coisas acabam uniformizando a universidade por baixo.

A universidade não forma um grande crítico literário há quantos anos? A Escola de Comunicações e Artes da USP, por exemplo, deveria formar críticos de cinema, literatura e teatro, e não formou ninguém.

É uma ironia que eu, Janio de Freitas, Mino Carta, Alberto Dines, Washington Novaes e outros não estejamos dando aulas na universidade. Quem dá aulas são veterinários ou biólogos, porque é preciso ter títulos universitários. Por isso as escolas de jornalismo começaram mal, com a marca e o carimbo do regime autoritário que colocou gente medíocre lá dentro. Sei que há gente boa dando aula. Mas a regra geral é a do professor que está ali apenas para fazer *carrière* universitária. Na verdade, a escola deveria ter aberto a carreira para jornalista feitos, o que teria dado um outro viés aos cursos de jornalismo.

Acho engraçado quando vejo nos currículos disciplinas como Teoria da Comunicação. Não sei o que é isso, não tenho a menor

noção do que deva ser. Suponho que Décio Pignatari possa dar bem essa disciplina, pois ele é um homem inteligente e suas aulas devem ser fascinantes. Mas Teoria da Comunicação não tem nada a ver com jornalismo. Para saber de tudo o que é preciso nessa área basta ler um só livro, escrito por Norbert Wiener — filho de Herbert Wiener, um sociólogo alemão que trabalhou por muitos anos nos Estados Unidos, contemporâneo de Herbert Marcuse —, chamado *The Human Use of Human Beings* (O uso humano de seres humanos). Ele trata de cibernética, termo que vem do grego *kybernetes*, que quer dizer “timão”, “piloto”. Cibernética é a arte de dirigir e controlar. Wiener começou estudando como se dá a comunicação com a máquina para descobrir como comunicar-se com o ser humano.

Quando à semiologia, eu a gozo muito mais mas a conheço pouco. Uma vez li a tese de um amigo, em Paris, e me diverti muito porque aquilo não tinha sentido algum — todo o trabalho era desprovido de significado, uma algaravia só. Mas a tese acabou aprovada na Sorbonne e esse amigo deve agora estar dando aulas no Brasil. Um dia li um texto, agora de um francês, um vigarista que queria fazer análise semiológica de um quadro. A imagem era de dois sujeitos jogando xadrez, e resolvi analisar frase por frase, na tentativa de descobrir alguma lógica no trabalho. Não tinha nenhuma. Então meu filho, que é matemático e joga xadrez, observou que o tabuleiro estava desenhado de forma errada. Nem aquilo o vigarista percebeu!

Não sei o que se ensina hoje nas escolas. Há muitos anos, dois amigos conseguiram entrar como professores no curso de jornalismo da Fundação Cásper Líbero, em São Paulo, e me chamaram para dar aulas de editoração. Ao chegar, disse não saber o que queria dizer editoração. Eles recorreram então a um manual, feito por Abgar Renault, que por sua vez também não esclarecia nada. Nunca empreguei esse termo na minha vida, porque simplesmente não quer dizer nada. “Editoração quer dizer edição”, eu dizia. “Mas edição no sentido português ou no sentido anglo-saxônico?” Eles não sabiam. Então decidi dar o que quisesse.

Deixei de dar aulas porque os alunos começaram a ficar muito impacientes por eu não recomendar livros para eles lerem. Ao perceber o pequeno grau de informação que tinham, comecei a dar lições de coisas. Um dia falei longamente sobre o pinho-de-riga, o que é, como vinha como lastro nos baviros que levavam café daqui, que é uma madeira que “não verga, não trabalha (sou meio marceneiro, e quando a madeira não verga e gente diz: “a madeira não trabalha”). E os alunos gostaram. Falava de portas, vigas de construção. Eu via aqueles pobres rapazes e tomava comandas notas e comprando livros, às vezes reunindo-se em três ou quatro para comprar um livro de um autor alemão ou italiano. Disse a eles que economizassem o dinheiro e desenvolvessem tudo para a livraria; disse que era melhor ler um bom romance, ler Flaubert, ler as obras completas de Shakespeare devagarinho, ler *Os Lusíadas*; pelo menos aprenderiam a usar bem a língua. Para mim isso seria melhor do que aquela teorização imbecil, mal traduzida ou traduzida porca mente por pessoas mal pagas. Deixei o curso em sinal de protesto, quando tentei fazer uma reunião com os professores para

dizer que a condição econômica dos alunos era evidentemente precária, que eles não podiam ser sobrecarregados com a compra de livros inúteis. Disse como alguém que era jornalista há trinta anos. Os professores não quiseram reconhecer e eu saí da escola.

Quando dei o curso na ECA, anos mais tarde, logo nos primeiros dias os alunos começaram a me pedir livros. Outra vez o vício da escola, de mandar ler livros que nada têm a ver com a profissão. Mas recomendei o livro de Wiener, outro de Noam Chomski, outro de Erwin Panofsky e mais um ou dois. Depois dei uma lista de romance e autores — Machado de Assis, Euclides da Cunha e Rubem Braga —, para que aprendessem português e soubessem como se escreve. Sugerir que lessem grandes romances, se possível no original ou então por traduções confiáveis. Os alunos foram então se acostumando com meu jeito de dar aula e não me pediram mais livros.

É claro que é preciso ler algumas coisas básicas. Às vezes recomendo a *História universal*, de J. P. Taylor, ou Edmund Wilson. É preciso que se tenha uma noção da história do mundo para situar-se melhor nele, da mesma forma como precisamos nos situar aqui, nesta casa, nesta rua, neste bairro, nesta cidade, no país, no continente, no planeta, no sistema solar. E para isso deve-se saber história. Todo filho quer saber de onde veio o pai, o avô; e assim é o cidadão, que tem de saber como se formou seu país.

O argumento usado na campanha contra o diploma de jornalismo e contra a regulamentação profissional peca pela base, porque parte do princípio de que as escolas são ruins. Em parte isso é verdade, mas os jornais e as empresas têm de lutar para que os cursos de jornalismo melhorem, têm de exigir que os professores sejam mais eficientes e examinados por bancas compostas por jornalistas competentes. É assim que se faz. Concentrando-se uma massa de bons professores, consegue-se fazer uma boa escola. Por outro lado, sou um grande jornalista, e por isso posso dizer quem pode quem não pode exercer a profissão. Pode-se julgar que isso é arbitrário, mas é melhor eu achar do que se decidir a questão pela média das notas de cinco professores. Jornalismo é uma profissão autoritária.

Sou contra a extinção dos cursos de jornalismo porque seu fim não vai resolver muito. E também sou contra a suspensão da regulamentação profissional, porque isso representa uma tentativa de se quebrar de vez o poder de luta dos jornalistas como categoria profissional. Sempre fui um dos primeiros críticos da escola de jornalismo, mas agora vejo tanta gente mobilizada contra ela que acabo desconfiando. Tudo isso tem a finalidade de tirar o último elo da espinha dorsal, já bastante flexível, do jornalista. Minha posição hoje é de defesa da escola, embora reconheça que ela seja precária. Isso precisa ser muito bem analisado pelos próprios jornalistas e pelo seu sindicato, que aliás, tem uma atitude muito pouco positiva nesse assunto, porque não examina a questão em profundidade.

Pode-se ter um grande talento jornalístico entre matemáticos, engenheiros ou médicos. Uma das matérias mais fascinantes que já li em minha vida me foi passada em Washington, há anos, por Antônio Marcos Pimenta Neves, que na época era correspondente da *Gazeta Mercantil*. Tratava-se de um biólogo escrevendo sobre como dominou uma ilha infestada por ratos, no Pacífico. Era uma narrativa tão extraordinariamente bem feita que duvido que pudesse ter sido escrita por 99 por cento dos jornalistas. Um sujeito desses eu levo para o jornal, porque sabe contar as coisas. Por isso, acho que a questão da regulamentação profissional do jornalista deve ser revista, mas não abolida. Estou vendo muitos patrões contra ela, o que não é sinal de boa coisa.

Um dia tive uma discussão com um grupo de intelectuais que escrevia no lugar de jornalistas, num jornal de São Paulo. Fui acusado por um deles de que meu raciocínio era corporativista. Concordei, mas também disse que se um dia eu quisesse dar aulas nas escolas em que eles trabalhavam, seria impedido, porque não sou sociólogo ou historiador. E perguntei: “Por que então eu iria deixá-lo escrever no meu jornal? Não tenho nenhum jornal, por isso não posso impedi-lo, mas você pode ser cobrado publicamente por ocupar o lugar de jornalista”. Esse pessoal que escreve no lugar de jornalistas também tem um idéa corporativista das suas funções específicas. São todos muito fechados, sejam arquitetos, sociólogos ou médicos.

Se quiser, um dia, dar aulas numa faculdade de Medicina, não vão me deixar; dirão que não sou preparado para tanto e que não passei pelas etapas necessárias de acumulação de conhecimentos na área. Então também posso dizer que um médico não pode escrever em jornal, porque não passou pelas etapas necessárias ao domínio da minha profissão. Posso exigir dese médico uma demonstração de técnica jornalística — é um truque baixo, mas posso fazer isso. Posso avaliar como ele constrói uma matéria, como escreve, se sabe bater a máquina. O que eles chamam, então, de mentalidade corporativa? Uma corporação defender os seus direitos? Isto é normal. O metalúrgico também defende os seus, assim como o médico, o advogado ou o operário da construção civil. Cada um tem a mentalidade de sua categoria.

Defendo, mesmo assim, a presença no jornal de especialistas em áreas específicas, como medicina, agronomia, economia, astronomia etc., mesmo porque não se pode esperar que surjam no meio jornalístico pessoas particularmente dotadas para escrever sobre todos esses assuntos. Mas esses especialistas não podem representar o grosso dos jornalistas dentro de uma redação, apenas uma parcela.

Entendo a resistência dos jornalistas aos especialistas: é que o economista, o médico ou o cientista não se sentem ligados à categoria dos jornalistas. Quando há um movimento reivindicatório, esse sujeito não liga, pois vai fazer sua reivindicação na universidade, no sindicato a que pertence. Daí a resistência dos jornalistas, no que têm razão.

Nos países em que não há regulamentação nenhuma, como Inglaterra, França e Estados Unidos, por exemplo, as redações têm muito *esprit de corps*. Nos jornais desses países é muito difícil ver um artigo de um não-jornalista fora das seções destinadas a eles. Se isso acontece, a redação pára. Sobre tudo nos Estados Unidos, quem escreve sobre ciência, economia e medicina são jornalistas que se especializaram nessas áreas, pessoas com grande poder de comunicação. Conheci certa vez uma dupla de jornalistas do *Washington Post* que assinava e lia todas as revistas científicas norte-americanas. E por isso que o jornalismo americano trata tão bem esse assunto. Pois esses dois sujeitos passavam o dia inteiro lendo revistas e *papers* de hospitais e sociedades científicas, sempre atentos a novas descobertas. Quando algo interessava eles redigiam um texto, mandavam uma cópia para o autor do artigo original — para ele verificar se o texto não continha nenhuma besteira —, pagavam pelo uso do artigo e publicavam uma matéria sobre o assunto. Abre-se qualquer jornal americano e todos os dias há esse tipo de coisa; mas são jornalistas que fazem isso.

A reportagem econômica do *Financial Times* tem um ou dois economistas — o resto são jornalistas especializados em economia. Mas no Brasil isso é muito difícil, devido à precariedade da sociedade, que é ainda incompleta; então é-se obrigado a chamar economistas para tratar, no jornal, de certos assuntos especializados.

Não sei o que fazem *O Estado*, *O Globo* e o *JB*, mas na *Folha* percebo um esforço muito grande para melhorar o nível dos profissionais recém-saídos das escolas. *A Folha* dá freqüentes cursos de jornalismo, inclusive de português. Isso é preciso porque o brasileiro geralmente não sabe escrever: não sabe pensar, não sabe falar, portanto não sabe escrever. Não porque não queira, mas porque não comeu bem, são muitas gerações sem comer bem. A Editora Abril também fazia esse tipo de curso, que é a forma como as empresas procuram suplementar as falhas das escolas de jornalismo. No fundo, as empresas têm que se defender contra a falta de material humano, o que é normal. E todos os setores deveriam fazer o mesmo. Aliás, os jornais deveriam dar bolsas para jornalistas estudarem fora do país. Durante minha vida arranjei muitas bolsas para jornalistas.

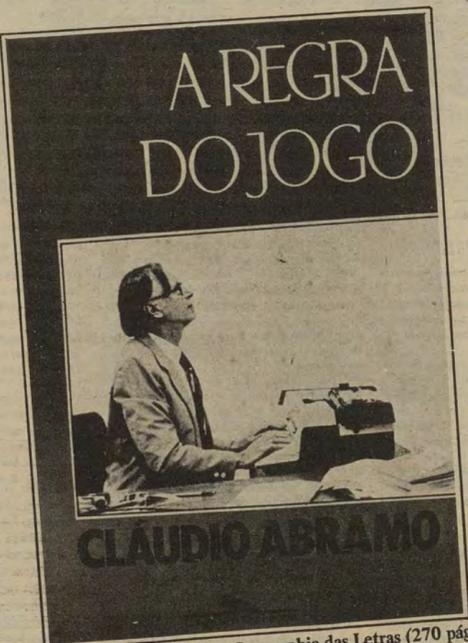
Mas o principal é que, nas redações, os chefes, os editores, os responsáveis, isto é, a cúpula do jornal, se dedique à formação dos jovens que chegam das escolas. Um jornalista se faz com a assistência cotidiana de seu chefe junto a ele. Para isso é preciso que os chefes se sintam muito seguros de sua capacidade e não tenham medo de transmitir até mesmo certos preconceitos em relação a algumas coisas; os jovens que entram para o jornal não sabem quase nada, porque não aprenderam nada na escola. É necessário um trabalho em vários níveis de chefia, dentro das redações, para treinar e ensinar esses jovens a escrever; e não só isso, também a pensar e a observar bem as coisas. É preciso que o texto do repórter seja acompanhado pelo chefe e não pelo copidesque ou pelo redator. É uma tarefa diária dos chefes. É um trabalho muito penoso, cansativo, às vezes frustrantes, mas inevitável. Os chefes precisam estar muito seguros da sua capacidade, para poder ter confiança naquilo que transmitirão.

É preciso, ainda, levar em conta que o chefe não é chefe só para obrigar o outro a fazer coisas bem feitas. Ele é chefe também para ensinar, é um orientador do seu subordinado. Não está ali só para exigir trabalho do outro e poder, ele, continuar, chefe. É evidente que num grupo de dez ou vinte repórteres, os bons serão dois ou três. Mas esses dois ou três têm que ser alimentados pelo chefe. Não vejo outra maneira de enfrentar esse problema, porque as escolas não vão preparar jornalistas melhores.

Uma das falhas nas redações de todos os jornais é a imposição de uma certa mentalidade administrativa — quer dizer, os chefes colocam gente nos lugares sem saber se as pessoas dão para aquilo ou não, só para preencher os lugares. Muitas vezes, alguém que está na reportagem não é um bom repórter, é um bom redator. Às vezes, um bom redator seria um bom repórter; às vezes, um bom editor seria um bom repórter e um repórter medíocre talvez fosse um editor competente. Essa mentalidade administrativa pode levar a erros graves. “Preciso de um editor para a editoria Local”, diz o chefe, e então pega um sujeito e põe na Local. Vai ver ele seria um excelente editor de Aviação, mas não de Local. A mentalidade administrativa tem de ser reconhecida e combatida com muita energia, porque não corresponde a um trabalho de prospeção.

Nas relações com os jovens repórteres é preciso levar em conta que os jornalistas são seres humanos, passam por depressões, fases de apatia e de entusiasmo; é preciso, portanto, uma certa assistência humana, mesmo que se dê em forma de arião.

A reportagem, como qualquer outro trabalho jornalístico, depende de uma soma de fatores, em que se inclui a assistência diária aos profissionais. Ninguém espere que uma safra de jornalistas apareça por obra divina. Muitos dos jornalistas que encontrei na vida seriam talvez profissionais medíocres, se não tivessem contado com a ajuda de seus chefes. E muita gente que era incompetente continuou incompetente porque não teve esse auxílio.



Capa do livro, edição da Companhia das Letras (270 págs.), que reúne depoimentos e textos de Claudio Abramo.

Itajaí: o boi não sai ferido

Farra é atração.

Participantes viram toureiros

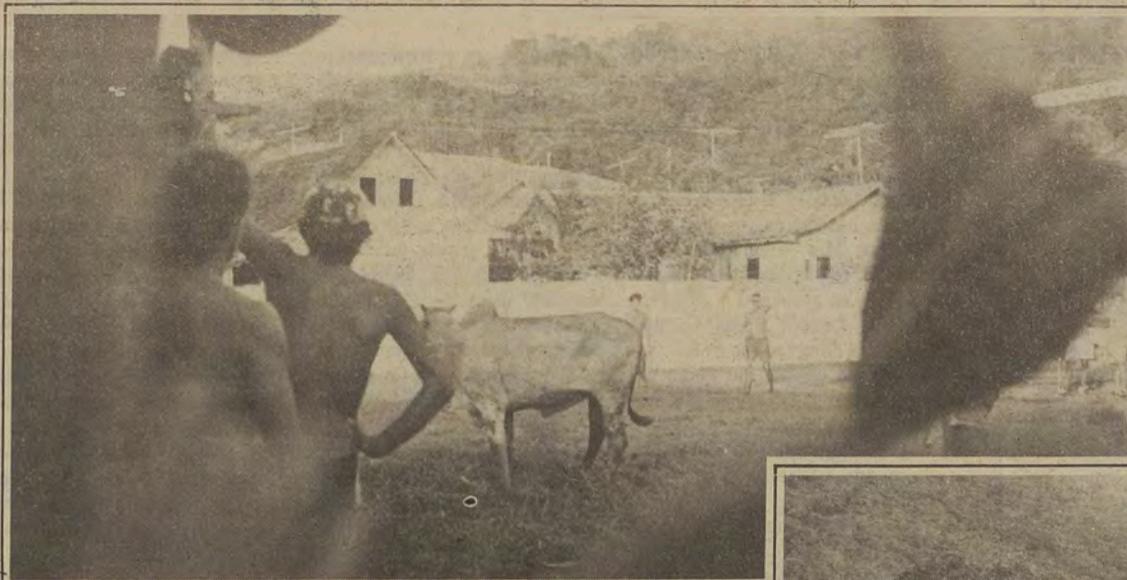
Há um lugar em Santa Catarina onde a farra-do-boi tem uma característica singular: é o boi quem leva vantagem. O local chama-se Armação do Itapocorói, município a vinte quilômetros de Itajaí que, este ano fez do combatido costume litorâneo, uma atração turística.

A farra-do-boi é uma tradição de décadas na cidade. Durante todo este tempo ela era feita da seguinte maneira: soltava-se um boi bravo nas ruas e alguns corajosos corriam na sua frente, batiam nele com varas e, quando o boi não pudesse mais andar, então o matavam e comiam.

Dessa forma como era feita a farra-do-boi, surgiram manifestações e confrontos de ecologistas em âmbito nacional contra a violência praticada contra o animal. Então os "farristas" resolveram se organizar e fazer da farra-do-boi uma grande festa em Armação.

Tudo começou quando o pescador Ermínio Carlos Costa, combinou com alguns amigos a compra de um boi no valor de 300 cruzados novos. Eles levariam o boi para o campo de futebol da cidade, e lá fariam sua farrinha particular. Sabendo disso, Amadeu José Duarte, também pescador, teve a idéia de arrendar o bar do campo, já que se espalhou sem trabalho na época de desova do camarão. A notícia se espalhou e mesmo que nunca houvesse participado da farra, ficou com vontade de dar uma olhadinha.

Em consequência do interesse da comunidade, o boi



Boi se preparando para ir à "forra"

inicial de Ermínio e seus amigos deu lugar a dezenas de bois que eram alugados pela quantia de 150 cruzados novos. Os animais vinham de um matadouro de Tijuca e eram deixados toda tarde no curral do campo de futebol. Desde o dia vinte de março até o domingo de Páscoa, as "touradas" como passou a ser chamada, começavam logo após o meio-dia e iam até a madrugada. Só foi respeitado a Sexta-feira Santa quando a farra começou depois da meia-noite.

Os bois são soltos um a um, ou às vezes em grupo, no campo onde estão uma dúzia de pessoas mais ou menos. Os farristas enchem a cara primeiro no bar do Amadeu, e depois entram no campo cheios de coragem. Luis Fernando Costa, estudante de dezoito anos que brincou na farra-do-boi pela primeira vez diz, "eu próprio não entro lá, sem ter tomado um bom ferro antes".

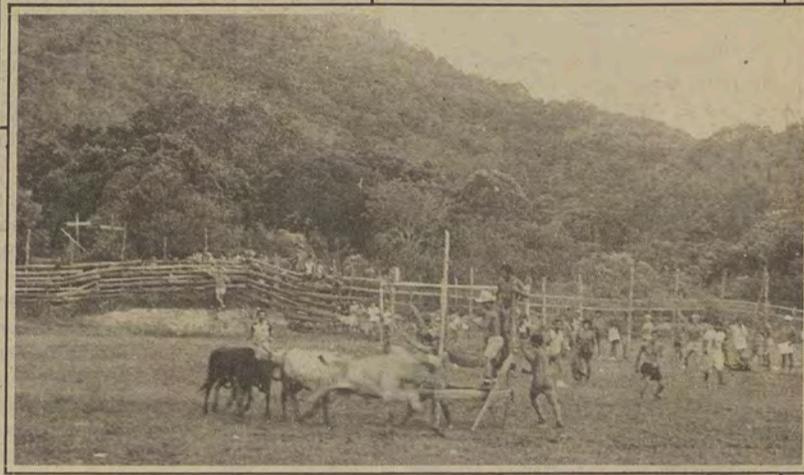
Uma das brincadeiras mais frequentes é colocar notas de dinheiro no corno do boi e

desafiar os farristas a pegar. "Ontem consegui pegar trinta cruzados", se vangloria Antônio P. Pinto, que veio de Brusque participar da festa. Outra brincadeira é se vestir de vermelho e se jogar na frente do boi. Foi numa dessa que José Osório Silva, o Zé do Vinho, teve o seu pulmão quase perfurado e o corpo coberto de arranhões. Ele é pescador aposentado disse que não se incomoda com os machucados: "porre é ouvir a mulher reclamando quando se chega em casa".

Existe no meio da arena um cercado do tamanho de um automóvel apelidado de "cagaço". "É para lá que o pessoal foge quando os bois vem em cima", diz a estudante Kátia da Costa que não deixa de assistir uma farra. Ela e suas amigas estão todos os dias disputando um lugar na cerca que rodeia o campo. "A farra atraiu tanta gente prá cá que agora virou o nosso ponto de encontro" conta a estudante.

se não permitida pela prefeitura de Penha, os "farristas" ficaram com medo da intervenção da polícia ou de algum grupo ecológico, o que não aconteceu. "A polícia deixou a farra ser feita porque foi cumprido o trato de não machucar o animal", declarou Teodoro C. Santos, diretor da Colônia de Pescadores da Armação. Ele disse que pessoalmente não gosta da farra-do-boi, mas disse também que não tem nada contra se ela for feita sem violência. "Vítimas de violência ficam sendo as pessoas que se

Fotos: Renata Rosa/Zero



Aqui é o boi que se dá bem

Armação é um das praias do balneário da Penha, e durante o verão a sua população de 15 mil pessoas chega a duplicar, segundo os dados da prefeitura na última temporada. E para quem conhece bem a cidade, certamente estranhou a invasão de turistas fora de época. É o caso de Arão D. da Costa, dono do único hotel da cidade: "nunca vi a cidade tão cheia nesta época do ano. O hotel está lotado e todo dia chega mais ônibus de turismo para assistir a farra-do-boi".

Apesar da farra-do-boi ter

aventuram a entrar no campo", diz Teodoro.

Tendo em vista o enorme sucesso da farra-do-boi neste ano, é de se pensar como será o ano que vem. Luciana Mafra, mulher de um dos farristas mais ativos faz uma previsão: "cada vez mais vão trazer bois mais bravos e até touros, o que aumentará o número de turistas. É possível que a Armação se torne um novo pólo turístico do país".

Renata Rosa

Tudo na vida tem seu preço

Texto de ficção

vencedor na mostra interna

Nasceu, pagou. A publicação no Diário Oficial não deixava dúvidas: estava criado mais um tributo, o Imposto sobre a Existência. Através dele o governo pretendia acabar com o déficit público, tapar o buraco na camada de ozônio sobre Brasília e construir uma rodovia entre Fernando de Noronha e Jaboatão. De início alguns políticos foram contra. A ala dos moderados chegou até mesmo a sugerir um projeto substitutivo, que transformaria o tributo em empréstimo compulsório a ser devolvido após o óbito do contribuinte. Mas no final das contas, venceu a ala das baianas, com o imprescindível apoio dos pré-históricos. "Não é



assim tão pesado", ponderaram as pessoas mais otimistas. Afinal, argumentavam, a lei até estabelece desconto para anões e indivíduos com os membros amputados. Quem não gostou

nada foi a Federação das Prostitutas, que chegou a enviar um telegrama ao Congresso Nacional: "Meus filhos,

Novo imposto é uma sacanagem pt

Além de pagar pela gravidez vg

ainda temos que pagar o aborto pt Fodam-se pt"

Houve sonogação, mas o governo estava preparado para a eventualidade. Ajudados por tropas de choque da PM, fiscais do Ministério da Fazenda subiram e desceram ladeiras nas favelas de todo o país, caçando aqueles que, por levarem uma vida subumana, se recusavam a pagar. "Nóis num veve, aqui tudim é vegetal", dizia o velhinho enquanto bloqueava a porta do barraco com o corpo magro. A coronhada na barriga refutou a afirmação, abrindo caminho para o fiscal. "Mas como vocês não vivem?! Essa filharada toda você teve tempo de fazer, hein?"

E outra coisa: passou dos 60 anos, tem que pagar multa por superação da expectativa de vida".

Desesperados, muitos tentaram se fingir de mortos para escapar, mas o artifício não durava muito: cientistas governamentais desenvolveram uma máquina infalível detectora de impulsos vitais. Além de disparar um bip-bip quando o sensor térmico era acoplado ao ânus do contribuinte, o aparelho imprimia simultaneamente um recibo pelo imposto e ainda informava a hora certa. Revoltada, a população levava com areia e a tudo suportava, na esperança de um futuro melhor, mais fraterno, onde não houvesse ódio entre irmãos e todos tivessem o direito de ser livres, etc, etc. Até que...

Certo dia, Anastácia Rozendo deu à luz a Paulo Jorge de Oliveira Rozendo, sexo masculino, sem marcas aparentes (além de ser negro), três quilos e meio, dentes ausentes, sem

profissão definida. Paulo Jorge cresceu rápido e, em menos de um parágrafo, já estava adulto e trabalhando como piloto em pista vertical — era ascensorista numa repartição pública. Durante anos enganou o fisco escondendo-se habilmente entre um andar e outro com seu veículo. Até que um dia, Paulo Jorge — que também entendia de mecânica de Fusca e fissão nuclear foi flagrado em pleno andar térreo por um conbrador. Assustados, falou com a voz ameaçadora: "Chegue perto não! Chegue perto não, ou vai ser pior!" O fiscal do imposto o ignorou e deu um passo à frente, mas era tarde. Paulo Jorge já havia apertado o botão vermelho.

Isso prejudicou bastante a solução do problema do déficit público nos 38 anos subsequentes.

Dauro Veras

Mautner canta revolução na Ilha

“Árvore da Vida”

é tão eclético

quanto o cantor

Para a imprensa, Jorge Mautner ainda é o “anarquista, o profeta do Kaos, o inesquecível piloto do Maracatu Atômico”, que era nos anos 70. Hoje, ele ri dos recortes de jornal, fala de Gorbachov, socialismo, música e poesia, e na quinta-feira, dia 30, veio a Florianópolis cantar para 600 pessoas no Centro Integrado de Cultura, CIC. Aproveitou e foi lançar a candidatura de Lula na Ilha, sexta-feira, diante da Catedral Metropolitana. Junto com Mautner, o parceiro Nelson Jacobina, e o sexto disco da carreira - “Árvore da Vida”, nome do show e retrato do ecletismo político e estético da dupla.

O espetáculo, no CIC, começou quinze minutos atrasado. A aparelhagem de som chegou tarde e às nove da noite Mautner e Jacobina ainda estavam acertando os problemas de microfonia. Problemas que continuaram durante toda a primeira metade do show, transmitindo à platéia aquela desagradável sensação de que e instantes o ouvido seria dilacerado por um zumbido. Detalhes técnicos à parte, as 600 pessoas presentes tiveram a chance de ouvir o violino de Mautner em perfeito estado de conservação, harmonizado com o violão de Nelson Jacobina.

O show “Árvore da Vida”, é uma mistura de lirismo e política, espalhados em vinte canções protagonizadas por casais de namorados que gostam de olhar estrelas ou por netos de insetos que ficam mais fortes tomando inseticida. É o próprio Mautner que diz que “esse lado

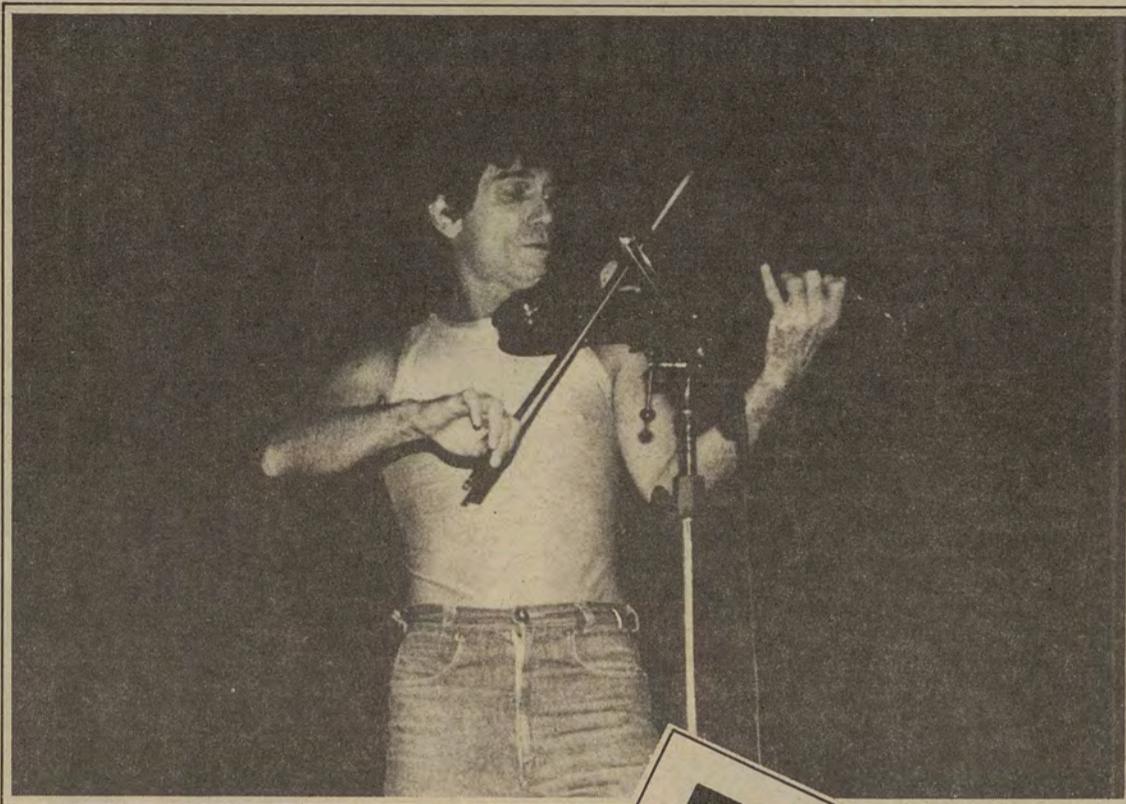


Foto: Lúcio Giovannella/Pixote

“O homem novo vai precisar de nova mitologia”

lítico, pessoal, existencial, da sensibilidade, do mistério do ser, que é a poesia, isso tudo está diretamente ligado com a política, porque só onde o ser humano atue em cima da História em plenitude democrática, respeitando todas as outras idéias e exercendo as idéias de liberdade e igualdade na sociedade é que essa profundidade de espírito aparece”.

As palavras são longas, as idéias compridas. Assim é também na própria vida de Mautner, que é assessor de Gilberto Gil (PMDB) na Câmara de Vereadores de Salvador. Nas últimas eleições, como candidato a vereador em São Paulo, pelo PV. Hoje, empolgado com as eleições presidenciais de novembro, apóia com todo o fôlego a candidatura de Lula (do Partido dos Trabalhadores).

O “homem novo” de Gorbachov encanta Mautner, e ele cai de

pau no stalinismo. “O stalinismo havia obrigado a arte a ser realista-socialista. Christopher Caldwell (filósofo e escritor inglês) dizia que a revolução, longe de ser realista-socialista, iria estar tão adiante da tendência do expressionismo, do surrealismo, do cubismo, do dadaísmo, que tudo isso ainda era pouco. Esse novo ser humano que ia surgir ia precisar de uma nova mitologia para descrevê-lo”.



CRISTIANISMO

Poucos minutos antes de começar a cantar para as 300 pessoas que estavam na frente da Catedral Metropolitana de Florianópolis para o lançamento da candidatura de Lula à presidência, Mautner entrou na Igreja, benzeu-se, ajoelhou-se e rezou. Durante a apresentação - que durou uma hora e quinze, quase o mesmo que no CIC -, Mautner cantou “Positivismo”, música de Noel Rosa e elogio à teoria de Augusto Comte. “O amor como princípio, a ordem como meio e o progresso como fim”, e a platéia socialista se entortava, constrangida. Enquanto, isso, quatro sujeitos fumavam um baseado na frente da escadaria da Catedral.

No meio dessa mistura de tendências, Jorge Mautner acha que a nova sociedade teria muito de cristã. “O cristianismo é a primeira tentativa, segundo Trotsky, da igualdade do homem perante Deus. É com Jesus Cristo que se inventa uma forma social imorredoura. O cristianismo abala o Império Romano porque quando Nero prende Paulo, o apóstolo é visitado por intermináveis filas de mulheres, de escravos, de pagãos romanos entrando numa história totalmente oposta, falando de moral, de honestidade, da lembrança de igualdade, de que os últimos serão os primeiros. É plena Jerusalém comunista que ecoa ali”.

Há uma velha canção italiana, “criada pelas mulheres comunistas que trabalhavam nos campos no início do século”, que Mautner transforma em ladainha com a intercalação de nomes de líderes de massas de todos os tempos. Assim, no show, ele aclama Karl Marx, Ho Chi Min, Carlos Lemarca, Dom Hélder Câmara, Trotsky, Luis Carlos Prestes e “continuará a cantar a noite toda, mas prefiro encerrar com uma aclamação a meu candidato operário à Presidência da República, o metalúrgico Lula”, e o público delira.

Com o bom humor que lhe é característico, Mautner evita falar de Stalin durante a canção. Depois, não consegue. “A arte é ligada ao engajamento. Houve uma época em que a esquerda se apresentava assim, mais com um sintoma opressor do bloco compacto, abstrato de partido. Foi a época do stalinismo, a época materialista. No entanto, a esquerda é o único lugar em que o indivíduo pode se desenvolver”.

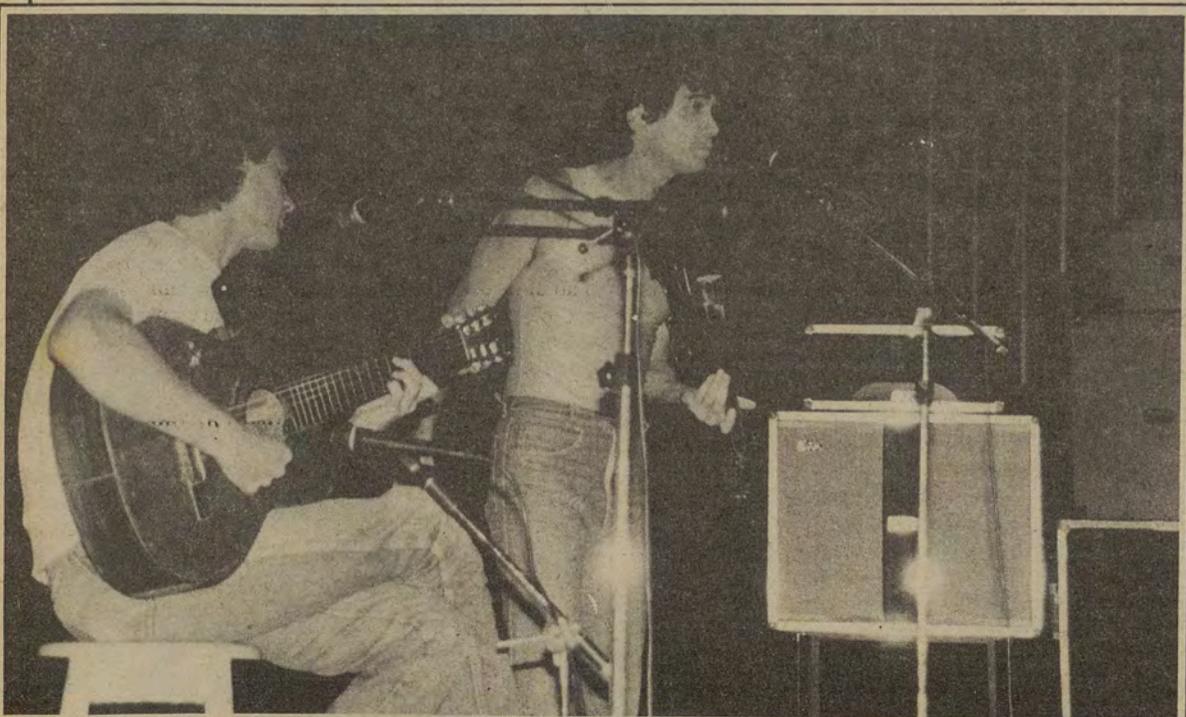
ECOLOGIA

Mautner acredita que “as diferenças que separam as pessoas estão cada vez mais se diluindo, até pelo avanço da tecnologia. Porque tem a ecologia e tem de outro lado o futurismo das invenções, que não pode ser ignorado. O problema ecológico também derrete as fronteiras sectárias, como Gorbachov, que até ordena que os partidos comunistas europeus se dissolvam e se integrem na social-democracia. Não é o fim das ideologias, mas a sofisticação delas”.

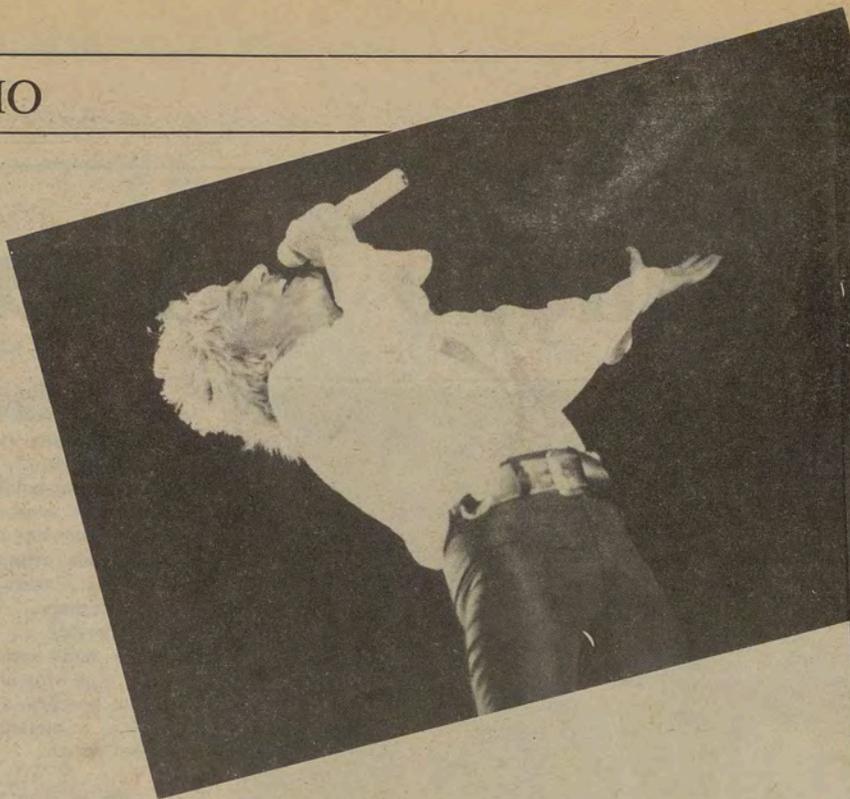
O elogio ao líder russo não pára aí. Divagando em constatações, Mautner apresenta no show uma canção que fala de glasnost e perestroika ao lado de paz, abertura e reestruturação. “Está na hora do homem e da mulher universais, como diz Gorbachov. A primeira motivação para isto é a curiosidade, porque ela é a liberdade instigando, é a mola propulsora, onde a intuição tem um grande valor. Não há mais discurso racional, nem o clichê. Isso é metafísica, é a sutilidade da arte, e é a bandeira vermelha”, afirma. Bandeira que ele cantou nas suas músicas e quando interpretou a “Internacional”, hino dos movimentos socialistas internacionalistas, na frente da Catedral.

Talvez nem todos que assistiram ao espetáculo tenham gostado das idéias de Mautner. Mas não houve quem resistisse ao ritmo contagiante dos sambas, baladas e do Maracatu, que cantou no final, especialmente aos saudosistas. Para quem discorda das palavras que dizem que “o capitalismo selvagem tem de ser brechado”, resta a lembrança, igualmente revolucionária, do sambinha que canta: “Tens um olhar que me consome, por caridade, meu bem, me diga seu nome. Tens um olhar que eu nunca vi outro igual”.

Jacques Mick



“A esquerda é o lugar em que o indivíduo pode se desenvolver”



Rod Stewart veio. Empolgou e prometeu voltar

Foi o 1º show
internacional.

SC quer mais

O quê? Depois de um longo marasmo, um grande show internacional aportando aqui? A comemoração dos 263 anos de Florianópolis não poderia ser melhor: Rod Stewart na cidade, quebrando o tabu ilhéu no que diz respeito ao setor "grandes espetáculos de rock".

Quando abriram os portões do estádio Orlando Scarpelli, às 17h e 50 min. muitas pessoas já se aglomeravam na busca de um bom lugar para ver seu ídolo. Em pouco mais de meia hora o estádio já estava parcialmente lotado. No público, bastante heterogêneo, fãs de todas as raças, credos e classes disputavam lugar com aqueles que vieram só para curtir o agito.

Britanicamente, às 21h o cantor entrou no palco (com certeza depois de secar 2 ou 3 litros de Bourbon). E aí a adrenalina tomou conta da galera. Lembrando velhos sucessos de sua carreira, Rod Stewart iniciou o show com "Hot legs", seguindo com "Infatuation". Mais de 30 mil pessoas deliravam. Grã-finos e pés rapados, gregos e troianos, enfim, todas as tribos chacoalhavam a cada música, cantando-as como se fosse um

hino, como se a duvidar do que estava acontecendo.

Apesar de toda a infraestrutura que se montou em torno do evento, algumas falhas mostraram-se evidentes. O som foi uma delas. Nas primeiras três músicas, não dava para ouvir a voz do cantor nem a guitarra solo.

Mas, "the show must go on", já ensinava o velho clichê. Alheio aos problemas, a multidão extravasava uma espera de muitos anos. Aliás, dizer que o público não foi um dos destaques do show seria uma injustiça. Acompanhando todas as músicas e não parando em nenhum instante, fez com que Rod Stewart se sentisse em casa ao dividir sua alegria com ele. A iluminação, computadorizada, mostrou-se perfeita, tornando-se essencial para o sucesso do espetáculo.

Às 22h, o intervalo. Quinze minutos depois, o delírio recomeça. "Baby Jane" e "Do ya think I'm sexy?" fazem com que até os mais calmos ensaiem os primeiros pulos. Esta última simplesmente humilhou, com um solo do baterista Tony Brock. A seguir veio "Passion". Novos gritos. E uma performance excelente de Jimmy Roberts, que com seu sax desafiava Stewart.

A catarse coletiva continuou com "Sailing", cantada em uníssono pela plateia, que a acompanhou com isqueiros acesos, culminando com uma chuva de fogos de artifício.

No bis, "Twist the night away" e "Good morning little school girl" não deixam perna sobre perna. E o show acaba. Saciada, a massa queria sair do estádio. Apenas uma saída foi aberta no gramado, o que fez com que milhares de pessoas se amontoassem para passar pelo estreito portão. A tensão era justificável: os refrigerantes postos à venda acabaram na metade do show, e todo mundo estava a fim de beber algo.

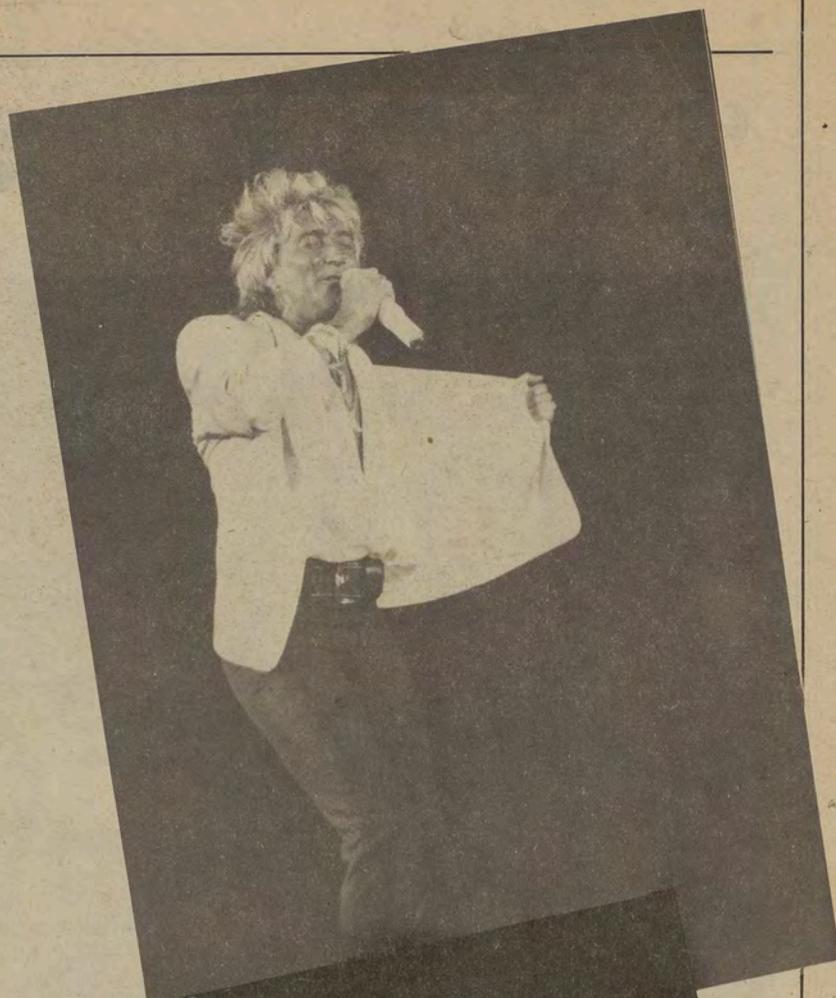
Passados o show e a empolgação, sobra uma questão a ser discutida: é viável a realização de shows internacionais de grande porte em Florianópolis? Problemas ocorreram (saída, som, tc.), mas isto é comum em tudo quanto é show. O público superou todas as expectativas quanto a número e receptividade. A falta de um local adequado, novela antiga em Florianópolis, pode ser provisoriamente solucionada com o estádio Orlando Scarpelli.

O público catarinense é carente de grandes espetáculos, como ficou constatado com o clima que se instaurou na cidade com a vinda de Rod Stewart. Resta saber agora se os empresários do setor investirão para trazer grandes nomes aqui, ou se continuaremos a ir para outras capitais para assistir artistas de renome internacional.

Emerson Gasperin



Fotos: Ricardo Barreto/Zero



75 mil watts eletrizaram quase 30 mil pessoas

Uma organização impecável e um aparato técnico comparado ao do Rock In Rio, garantiram o sucesso do show. Setenta toneladas de som com 75 mil watts de potência, fizeram as músicas da "locomotiva escocesa" ecoarem a quilômetros de distância. O palco, com dezoito metros de frente, acomodava nas suas laterais as inúmeras colunas de caixas acústicas. Duas torres foram colocadas no centro do gramado, onde ficaram os técnicos e os computadores, que além de controlarem o som do espetáculo, comandaram os 400 spots de luz.

O estádio do Figueirense estava irreconhecível, totalmente remodelado para receber o grande ídolo. Entre as inúmeras exigências de Rod Stewart, uma sala de ensaio, refeitório e cozinha, foram instalados atrás do palco.

Tony Brock (baterista), Carmine Rojas (baixo),

Chuck Kentis (teclados), Steve Farris (guitarra), Todd Sharp (guitarrista), Mick Lane (trombone), Jimmy Roberts (sax) e Rick Braun (piston), foram os oito integrantes da banda que acompanhou Rod Stewart durante o show. Desse grupo, somente Carmine Rojas participou da apresentação de Rod no Rock In Rio.

Contrariando algumas previsões, o esquema especial de segurança deu resultado, nenhum acontecimento mais grave foi registrado. Um esquadrão de 670 policiais militares, 68 civis e 35 policiais femininos, atuaram na prevenção de qualquer tipo de delito. Os médicos e as enfermeiras, que trabalharam numa barraca montada ao lado do palco, atenderam apenas alguns casos de embriaguês (talvez causada pela performance do cantor, já que as bebidas alcoólicas estavam proibidas).

Romir Rocha

Turnê segue para os EUA e depois Europa

A carismática turnê de Rod Stewart pela América Latina começou no dia 25 de fevereiro em Mar Del Plata na Argentina. No dia 28 foi para Montevideo (Uruguai), retornando à Argentina para outro show, dia 3 de março em Buenos Aires. No Chile, mesmo sob protestos à sua apresentação na África do Sul em 85, Rod Stewart se exibiu nos dias 6 e 7 em Santiago.

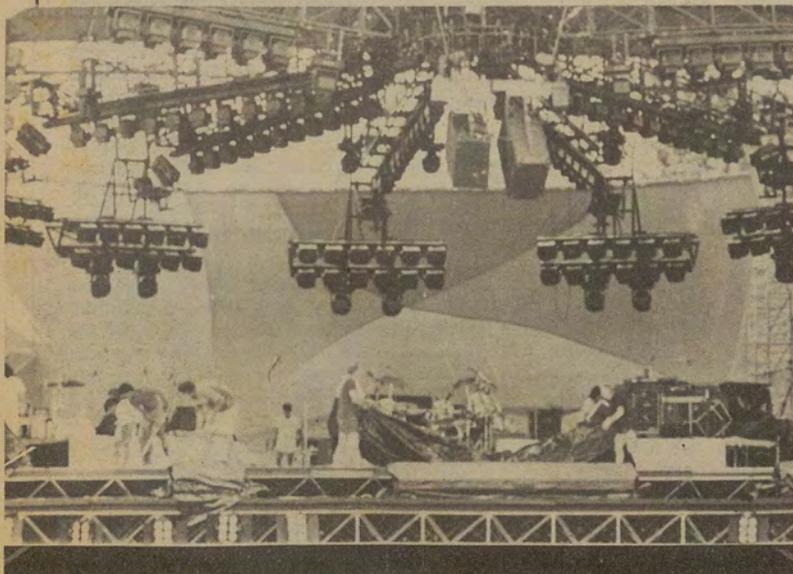
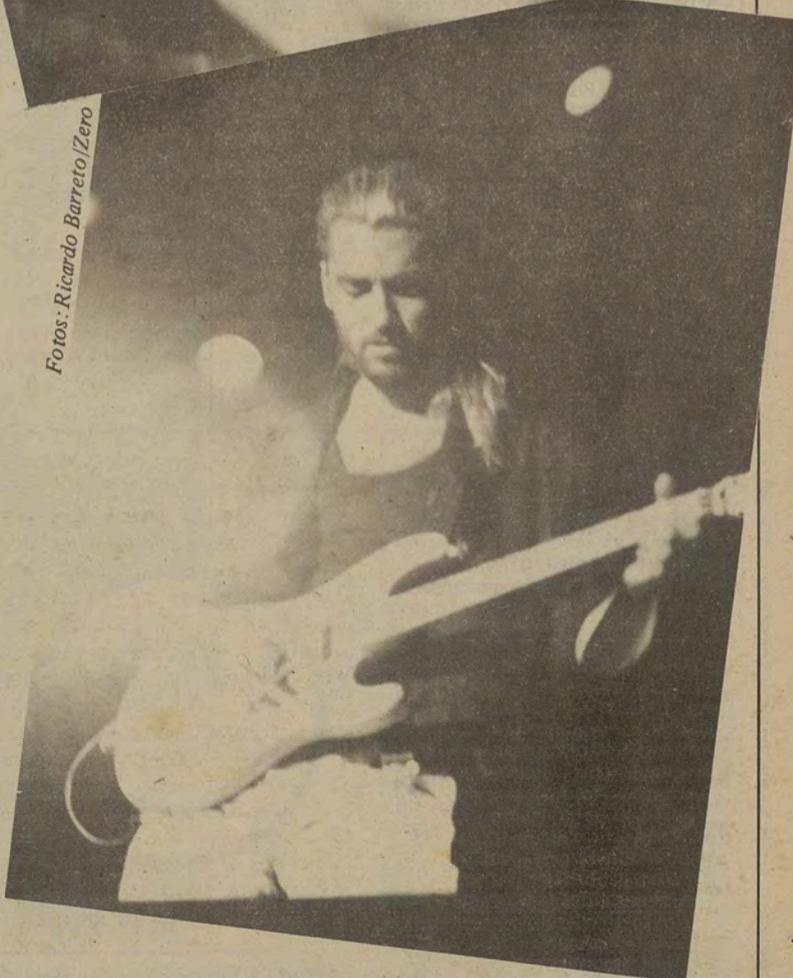
A turnê brasileira teve início em Florianópolis dia 23 de março com muitos elogios. Da ilha, Rod partiu para Porto Alegre onde cantou dia 26, com o reforço de quatro telões. Em São Paulo os shows foram feitos no Olympia dias 29 e 30 e no Estádio do Palmeiras em dois de abril encerrando os shows no Brasil. A Praça da Apoteose no Rio acolheu mais uma vez um grande espetáculo no dia 31 de março.

Do Brasil Rod Stewart viajou para o México, se apresentando na Capital (dia 6 de abril) e em Guadalajara dia 8. Partindo do México, a bem-sucedida turnê foi cobrir diversos estados americanos. A agenda ainda prevê um giro longo pela Europa no segundo semestre. E depois, Japão. Que bom que passou por aqui.

Marta Moritz



Fotos: Ricardo Barreto/Zero



Romir Rocha/Zero

“Saló”, um paraíso fascista

Ilha assiste à obra que levou Pasolini à morte

Finalmente o público pode ver “Saló, ou Os 120 Dias de Sodoma”. O filme, que estava retido pela censura brasileira desde 1975 foi liberado pelo Ministério da Justiça. A quinta capital brasileira a exibí-lo foi Florianópolis e, como nas outras cidades, a obra gerou polêmica. A imprensa local fez badalação, limitando-se a publicar matérias copiadas de algumas revistas. Na entrada da sala do Clube de Cinema Nossa Senhora do Desterro, no CIC, um cartaz alertava o público sobre as fortes cenas contidas na fita. A sala lotava todas as noites, formando-se ali um costumeiro público, que veste elegantes trajés, vai aos bares da moda e comparece aos shows de Rod Stewart, A-ha e Cia. Mas o cineasta italiano assustou-os. Em vez de acompanharem bucólicas situações com casais na cama e silvestres paisagens, viram jovens serem violentados por ardilosos fascistas. A partir daí, algumas pessoas presentes no cinema queixavam-se pela inexistência de saquinhos plásticos para vomitarem.

Apesar de “Saló” ser uma fiel adaptação à obra literária “Os 120 Dias de Sodoma”, do marquês de Sade, o diretor preferiu transpor a ação da França do século 17 para a Itália fascista, na República de Saló, entre 1944-1945. A história começa numa vila onde quatro líderes políticos recrutam adolescentes e crianças, enclausurando-os numa



O diretor não poupa clero, militares ou a justiça

mansão. Eles são obrigados a pôr em prática fantasias sexuais relatadas por velhas meretrizes. Assim, o filme se divide em três ciclos: das manias (com práticas homossexuais), da merda (os personagens devem comer seus próprios excrementos), e o do sangue (quando as vítimas desses abusos são torturados até a morte). Nestes ciclos todas as relações são permitidas, menos as relações normais, pagas com a morte. Para Pasolini, “todo o filme, com suas atrocidades espantosas, quase inenarráveis, apresenta-se como uma enorme metáfora sádica daquilo que foi a dissociação nazi-fascista, com seus crimes contra a humanidade”. Ele afirma que “não há mais nada de divertido no sexo, hoje entendido

como a satisfação de uma obrigação social”. No ciclo das manias, dois jovens são obrigados a se casar com dois dos fascistas, e ter relações sexuais com eles.

Para Ana Maria, estudante de Administração, “Saló” foi “uma baixaria”. Ela acrescenta que “se teve alguma coisa de artístico no filme, eu não entendi. Achei pior que os filmes eróticos; e o diretor é um grande enganador”. Outra estudante, que assistiu ao filme em Belo Horizonte, disse que “Saló” é um filme medíocre, “como tudo o que Pasolini fez, onde os pseudo-intelectuais entram em delírio devido à bossalidade que impera desde a primeira até a última cena”.

Para Pasolini, o diretor, são várias as mensagens do filme: a anarquia do poder (que transforma o homem numa mercadoria, que se submete a todo tipo de tratamento); a inexistência da história (a segunda revolução industrial, o consumismo, a diferença daquela examinada por Marx, ameaça criar relações sociais imutáveis), a roda-viva entre carrasco e vítimas (corrompidos pelo poder, dois jovens dançam, como que inocentes, ao som de uma música tranqüilizante, enquanto seus companheiros, perto dali, acabam de ser torturados); a prevalência da realidade econômica (o erotismo, solitário, só se realiza através do poder e do dinheiro que detém os libertinos).

Na Itália foram grandes os protestos contra “Saló”. O Tribunal de Milão considerou-o atentatório ao pudor, acusando-o de obsceno. Pasolini foi difamado pela imprensa fascista, pois além de ser homossexual, era marxista, recebendo ameaças de morte. Negativos do filme foram roubados, e até hoje não foram recuperados. Em decorrência das críticas ferozes feitas por Pasolini contra o poder anárquico dos fascistas, personificados no filme por religiosos, políticos e militares, ele foi brutalmente assassinado em 75. A imprensa e a polícia italiana deram uma fraudulenta explicação ao crime, atestando que foi cometido por um homossexual chamado Pelosi, de 17 anos de idade, que teria assassinado o cineasta com pauladas e um atropelamento. Na verdade, Pasolini foi empalado pelos fascistas. Depois de quatorze anos, o seu filme ainda choca a burguesia, que reagiu à sua projeção em Florianópolis: retirando-se da sala.

Gustavo D’Ávila



Maria Angélica revisita o rock dos anos 60

Num futuro não muito distante, quando um pesquisador estiver tentando decifrar o que foi a música no final deste século, ele deverá usar o termo “reciclagem” para nortear seu trabalho. A releitura de antigas cartilhas musicais sempre existiu, mas nunca foi a ordem do dia. De repente um punhado de bandas nascidas das cinzas da *new wave* passou a ignorar a alta tecnologia que teoricamente estava a seu serviço e levantaram o lema que “só os anos 60 valerem a pena”. Discos de Duanne Eddy, The Kinks e outros inerentes à época foram sendo devorados enquanto das garagens brotavam os Darling Budds, Wedding Present e Mighty Lemon Drops. A fórmula é simples: retomar a essência sonora dos ‘60 (doce melodias, guitarras harpejadas, vocalizações *kitsch*), adaptando-se aos nossos dias. Faltava apenas um rótulo óbvio para as *anorak bands* (*anorak* é um casaco barato, muito comum entre os trabalhadores ingleses). Apareceu a alcunha “regressivo rock”, bastante flexível, para ajudar na catalogação de todo o pop “bem feito” após o levante do punk positivo.

No Brasil, a estréia do selo independente Vinil Urbano não poderia ser mais oportuna: “Outsider”, primeiro Lp da banda Maria Angélica Não Mora Mais Aqui, lançado no final do ano passado. Para entender o M³ Angélica, releia o parágrafo acima e, claro, ouça o disco (não recomendo o livro e o filme porque eles não existem). “Outsider” é o melhor passeio pela alquimia baixo/bateria/duas guitarras (instrumentos acionados por Lu Stopa, Victor Leite, Victor Bock e Carlos Nishimiya, respectivamente), palco perfeito para Fernando Naporano destilar sua voz e verbo. Para um disco cantado quase todo em inglês, uma vozer dos Buzzcocks (“I Don’t Mind”) reforça a vontade de não ter nascido aqui (apenas uma faixa é em português, “Absinto-me Só”, pontuada por versos de José Luis Hidalgo). A opção por uma língua estrangeira soa como tentativa de fazer o produto parecer “Anorak Legítimo, safra 60”, o que é descecessário. Mesmo assim vale grandes momentos. Vide “Purple Thing”, “Shyness” e “Dog’s Life”, esta última calçada na melhor fase de Muddy Waters.

O disco foi parido em apenas três horas de estúdio, nenhum retoque final e embalado numa das mais belas capas de 88. No mais tente conseguir as fitas demo da banda e se indigne com a não inclusão no Lp das músicas “British Caledonian” e “Vade Retro Satanás”. Só as letras já falam por si.

Ivaldo Brasil Jr.

Fabiano Melato

A caminho do céu via Acid

O *acid house*, onda que assola a Europa e EUA, já chegou ao Brasil. No final do ano passado o *disc jockey* Arthur Veríssimo desembarcou em São Paulo, vindo da Inglaterra, trazendo na bagagem alguns discos que estão alucinando os jovens ingleses. Enquanto isto, no Brasil, a gravadora Eldorado lançou este ano grupos importantes do selo Stiletto (os grupos Bomb the Bass e Jack the Tab, e a cantora Yazz).

O movimento chega com pouco atraso (iniciou em fins de 87), se comparado com outros como o punk. As pistas de dança européias se enchem de *acid boys* enquanto assistimos o novo gênero engatinhar por aqui. Mas uma reviravolta está para acontecer. Dois grupos importantes, Bomb the Bass e Jack the Tab, já estão com *shows* marcados. As apresentações serão no Projeto SP, em São Paulo, a partir de maio.

Vestindo camisetas com estampas da Virgem Maria e outros santos, calças pata-de-elefante, faixas tipo pirata na cabeça e panos verde e rosa fosforescentes pendurados, os jovens dançam alucinadamente. As cores rosa e verde simbolizam a paz e o amor, perseguidos pelos adeptos do *acid house*. Pode-se dançar nas badaladas casas noturnas do momento, ou nas *warehouses* — depósitos abandonados que à noite se transformam em redutos de loucos dançarinos. As *warehouses* se enchem de *Smileys* amarelos, o rostinho risonho tão conhecido nos anos 70 e que se tornou o símbolo do *acid*, nas paredes, panos pendurados no teto, fumaça de gelo seco aroma de maçã verde e luzes estroboscópicas.

Mas o *acid* não retoma apenas as roupas e o “paz e amor” dos *hippies* dos anos 60, ele retoma o ácido lisérgico, o “velho” LSD. É

Foto: Arquivo/Zero



Smiley e DJ Arthur: os ‘70 voltaram. Até quando?

indispensável que o *Ecstasy*, droga química geralmente vendida sob forma de pó em cápsulas ou tabletes de papel, esteja presente. Entre outras utilidades, essa droga é usada como hormônio de touros; dá grande euforia. Os *acid boys* vão à loucura com a droga e dançam a noite inteira. Com o *Ecstasy* alcançam o paraíso, o céu, afirmam eles. Instituições e pais aflitos com o alto consumo da droga dizem que muitos jovens morreram de *overdose*. Para os traficantes o faturamento é de 400 libras por noite (ou NCz\$ 696).

O *acid* é uma repassada pelo *flower power* dos anos 60, mesclando visual *blade runner* ao gênero *discothèque*. E o *house* é o som que pode ser feito em casa. Então o *acid house* não é só moda, mas também música. Ao contrário dos outros movimentos juvenis, não há ídolos do *show business* a serem venerados. Quem faz sucesso são os DJ, enfiados em suas cabines de som. Em três horas é possível gravar um disco com a ajuda de computadores pessoais, *samplers*, que gravam sons que depois são reproduzidos em todas as notas possíveis, além de serem “chupados” partes de músicas de outros cantores. A *house music*, como é chamado esse novo som, começou nos fundos de quintais dos jovens americanos e logo tomou Londres de assalto.

Yazz, musa do *acid house* é a encarnação perfeita dessa nova onda. Ela só é fotografada sorrindo e com os olhos voltados para o alto, expressão máxima do “alto astral” que o *acid* persegue.

Menos risco e mais energia

Cross training, a ginástica dos anos 90

Candice Copeland e Len Kravitz, dois ases da aeróbica norte-americana, estiveram em São Paulo para comandar o "Cross Training International Workshop". O curso, que teve mais de 800 alunos, aconteceu dias 01 e 02 de abril na Academia RUNNER. Candice e Len deram aulas de Interval Training, uma versão mais segura e moderna de aeróbica, e de Cross Training, um trabalho individualizado que promete ser a moda dos anos 90.

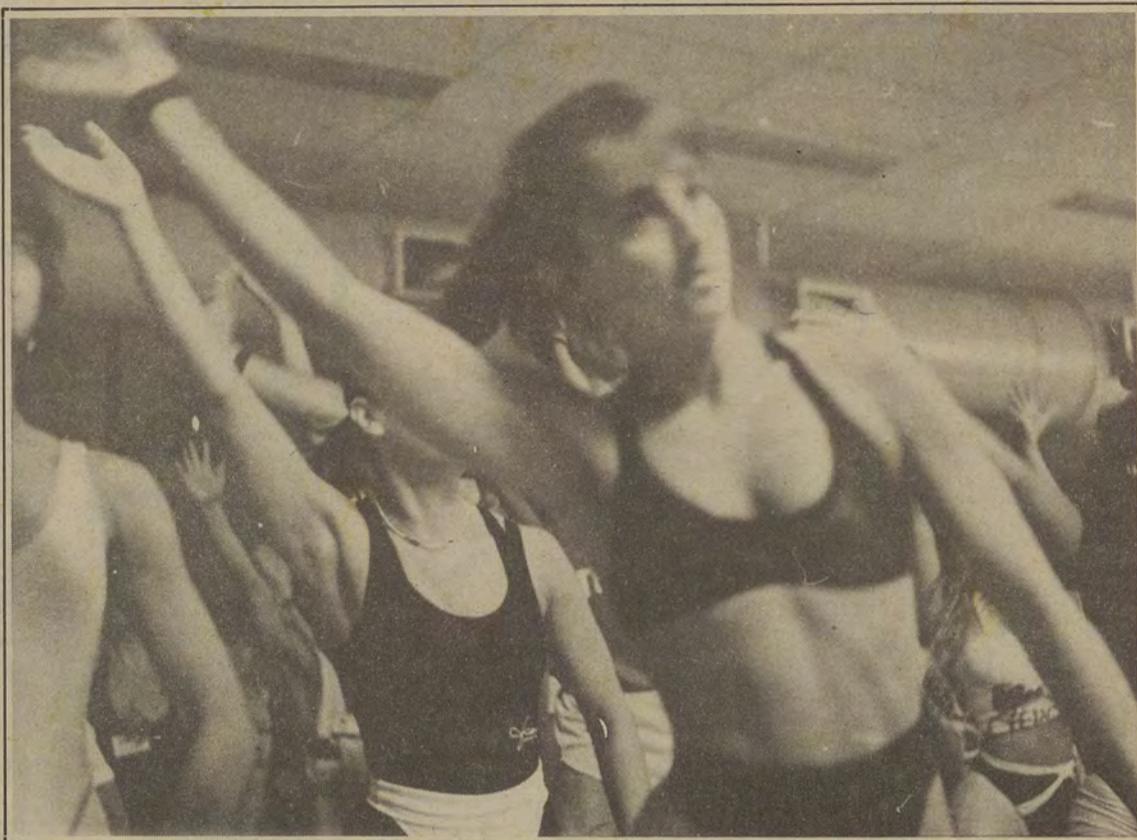
Candice Copeland, eleita "The fitness of the year" em 88, foi a introdutora do baixo impacto na aeróbica. Esta foi a quinta vez que Candice veio ao Brasil e ficou feliz com a evolução da nossa ginástica. "Na primeira vez que vim ao Brasil, em junho de 87, encontrei uma ginástica bastante ortodoxa,

com grande perigo de causar lesões, mas graças ao interesse dos brasileiros, que estavam em busca do novo, houve um grande progresso nesses dois anos".

Para Candice, a tendência dos anos 90 é o Cross Training, onde os programas são individualizados e podem abranger o máximo de público. Este trabalho visa diminuir a gordura e o peso e aumentar a resistência cardiorespiratória. "Nos Estados Unidos temos mais de 500 programas que incluem caminhadas em Shopping Center, por não haver risco de assaltos e pelo caráter social que exprimem". Com isso a ginástica torna-se cada vez mais acessível e é este um dos objetivos de Candice.

NOVA AERÓBICA

Len Kravitz, que publicou os livros Look Alive e Anybody's Guide to the Total Fitness, criou o Interval Training e vem praticando este método a mais ou menos dez meses. O Interval Training vem sendo utilizado há anos no treinamento de atletas e Len incluiu este tipo de treinamento nas aulas



No Cross Training, os programas individualizados têm mais público

de aeróbica. "Eu recomendo o Treinamento Intervalado para os fãs da aeróbica, porque tem pouco risco de lesões, além de ser super-eficiente na perda de peso. Trata-se de um trabalho de longa duração, onde há grande queima de gordura e mais gasto de calorias", afirma Len.

A aula de Interval Training consiste em alternar três minutos de baixo impacto com 75 segundos de alto impacto nos saltitos, repetindo este ciclo seis vezes, totalizando 25 minutos. "A fase de baixo impacto é para a recuperação e o alto impacto é para que o aluno atinja 80% de sua frequência cardíaca máxima", explica.

Segundo Len, os participantes do curso já estão em condições de praticar o Interval Training no Brasil. Ele sugere que se reserve uma área de sala de aula para iniciantes, onde possam ser observados e bem orientados para não se machucarem.

LESÕES

Enquanto fisiologistas e pesquisadores provam que as doenças cardiovasculares são responsáveis pelo maior número de mortes nos centros urbanos e que estas moléstias têm relação direta com a falta de exercícios físicos, professores de educação física aprimoram suas técnicas para desenvolver as atividades aeróbicas, de modo que causem mais benefícios cardiovasculares com menos risco de lesões.

As lesões mais comuns nos praticantes da aeróbica são: metatarsalgia, fratura causada pelo stress, tendi-

nite, torção no tornozelo, periostite, síndrome compartimental (dor na frente da canela), lesão no joelho e dor lombar.

Para evitar estas lesões os professores aconselham controlar a intensidade do exercício através do batimento cardíaco, se exercitar pelo menos três vezes por semana em dias alternados, e observar a duração da aula (45 minutos para iniciantes, uma hora para intermediários e uma hora e meia para adiantados). Outros progressos na prevenção de lesões foram obtidos pela mudança do modo de saltitar, alternando-se o Alto Impacto com baixo, cardiofunk e Interval Training. Também criaram tênis específicos com mais de três centímetros de solado (destaque para o Nike Air, eleito o tênis do ano nos EUA em 88). Trocaram o piso das salas de aula de modo que o chão agora absorve mais impacto. Outro grande avanço se deu nos sistemas de avaliação da capacidade física, com a uti-

lização de computadores específicos.

BEM-ESTAR

Dr. Kenneth Cooper, autor do "Programa Aeróbico para o Bem-Estar Total", garante que os exercícios aeróbicos proporcionam mais energia, proteção contra doenças cardíacas, controle da pressão arterial, aumento da capacidade intelectual e produtividade, ossos mais fortes, um sono melhor, alívio para o stress, além de emagrecimento se combinados com uma dieta. Provavelmente é por estes motivos que a ginástica aeróbica, em pouco mais de 18 anos de existência, já conta com 24 milhões de adeptos nos Estados Unidos e mais de dois milhões e meio espalhados nas 20 mil academias do Brasil, que é o terceiro país do mundo em praticantes da aeróbica.

Ana Lavratti



Fotos: Ana Lavratti/Zero

"A ginástica no Brasil teve um grande progresso em dois anos"



No Brasil, a aeróbica já tem mais de dois milhões e meio de adeptos

Revelando imagens e talentos

Com arte e apelo social,
alunos do curso de Jornalismo
resgatam o cotidiano



Foto: Jacques Mick /Zero

"Romaria": o apelo dos sem-terra levou o 1º lugar



Foto: Carol do Vale Pereira /Zero

A beleza-menina
ficou com o 2º lugar

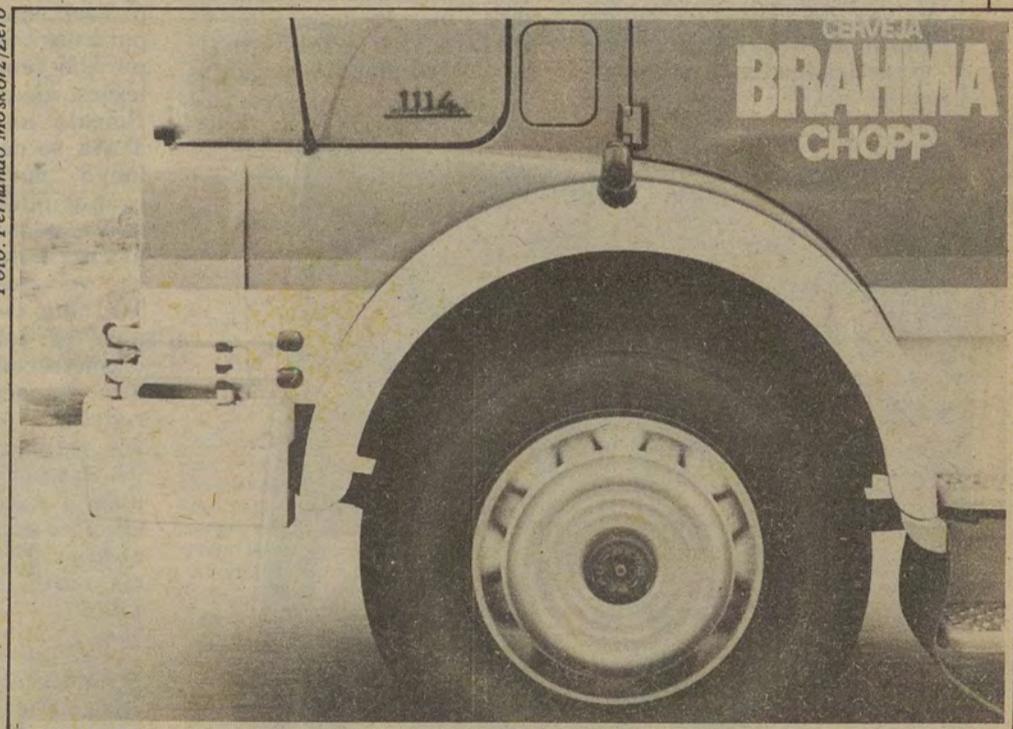


Foto: Fernando Moskorz /Zero

O caminhão era veloz mas só chegou em 3º



Foto: Jacques Mick /Zero

"Mineiro":
trevas e
trabalho
pesado



Foto: Fernando Moskorz /Zero

Sorriso sem medo



Foto: Jacques Mick /Zero

Ousar ou só concorrer?